

De volta a Perus: meu testemunho sobre a História Local

Por **Elcio Siqueira**

Outubro de 2018 (última revisão: 09/01/2019)

Publicado definitivamente em 09/01/2019

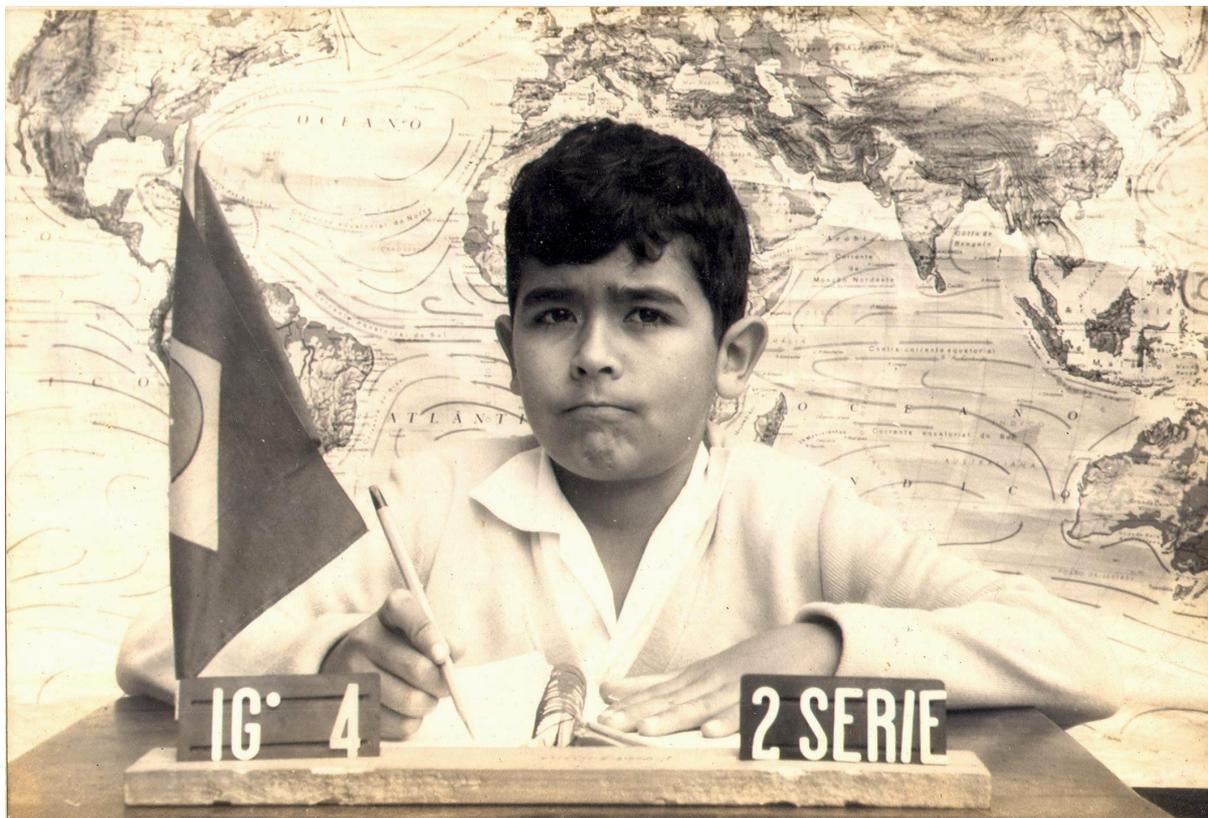


Foto "oficial" do autor aos 08 anos de idade (1971), na 2ª série (atual 3º ano) da EE "Dona Suzana de Campos", em Perus

Meu nome é Elcio Siqueira, 55 anos. Nasci em 18 de janeiro de 1963 no Hospital dos Comerciantes (Hospital Brigadeiro nos dias de hoje). Tudo porque minha mãe precisou ser internada nos últimos dias de gravidez. Somente por conta dessas circunstâncias, minha certidão de nascimento é da Vila Mariana (com muito orgulho!), não de Perus. Sim, sou paulistano nascido na Capital do Estado de São Paulo, Brasil.

Neste texto, falarei principalmente dos meus tempos de infância e de adolescência procurando retratar a realidade de Perus tal como eu via naquela época tão fielmente quanto minhas lembranças o permitem. É uma empreitada dificultada pelos mesmos problemas com as quais me deparei em minhas pesquisas acadêmicas sobre os movimentos sociais: a documentação escrita nem sempre ajuda enquanto a "memória" (com e sem aspas) por vezes é confusa e contraditória; por vezes atribui a certos acontecimentos um grau de importância que realmente não possuíam para o depoente no período em questão. Ciente de todos esses riscos, prossegui na empreitada por considerar que era uma excelente chance de colocar à prova meu espírito crítico (e autocrítico) e minha seriedade profissional. Caberá aos leitores julgar o grau de sucesso que auferi.

De qualquer modo, não tentei ser preciso quando minhas memórias não o são. Não tentei colocar os acontecimentos numa linha de começo, meio e fim quando as lembranças das

quais poderia me valer não estavam formatadas desse modo. Em razão disso, em diversos momentos, abandono a linha narrativa mestra para retornar a eventos ocorridos em épocas anteriores para tratar de particularidades de suma importância para mim.

Devo também ressaltar o fato não necessariamente óbvio de que as pessoas não vivem estritamente dos acontecimentos da realidade mais próxima, local, mas são impactadas em graus variados por eventos de escala ampla. Grandes torneios desportivos, por exemplo, esvaziam as ruas ou concentram pessoas em bares e restaurantes diante de telões ou aparelhos de TV de pequeno porte. Eleições em Perus ocorrem, no mínimo, também em toda a cidade de São Paulo com seus mais de doze milhões de habitantes (estimativa oficial para 2018). Falta de água pode ocorrer em razão de problemas nos mananciais do Sistema Cantareira, situados na divisa dos Estados de Minas Gerais e São Paulo.

A variada interconexão com realidades mais amplas é razoavelmente clara para mim desde criança: acompanhei o Programa Espacial como algo muito próximo, num período em que muitas coisas imaginadas pela literatura estavam à beira de se tornar realidade. Foram as aventuras de astronautas e cosmonautas que me levaram, aos dez anos de idade, a querer me tornar um astrônomo. Foi a impossibilidade de seguir adiante com esse projeto (devido a limitações insuperáveis com matemática) que me fez mudar de projeto: então, "desci das estrelas" para me transformar num historiador de uma realidade próxima (Perus) que, como veremos, eu já conhecia muito bem.

Presenciei mais coisas interessantes, não restritas ao universo imediato de Perus.

Por exemplo, em 1974, com onze anos de idade, fiquei acordado até tarde para acompanhar "a maior luta de box de todos os tempos" pela TV, realizada no Zaire. Os contendores: George Foreman (1949) contra "ele", meu ídolo, o melhor de todos, o "bailarino", o maior lutador de todos os tempos: Cassius Clay, Muhammad Ali!

Muhammad Ali (1942-2016) representa um caso típico de como funcionam as memórias de infância. Muito tempo depois, adulto, tenho orgulho de dizer que torcia por ele no período em que estava em atividade. Um cidadão hoje reconhecido como lutador, acima de tudo, pelos Direitos Humanos, pela justiça, contra a discriminação.

E posso até arrematar: "é fácil gostar de Muhammad Ali agora que ele é uma figura consagrada. Difícil era gostar dele quando tinha acabado de sair da prisão e perdido suas medalhas em razão de se ter recusado a combater no Vietnã"!

Sei...

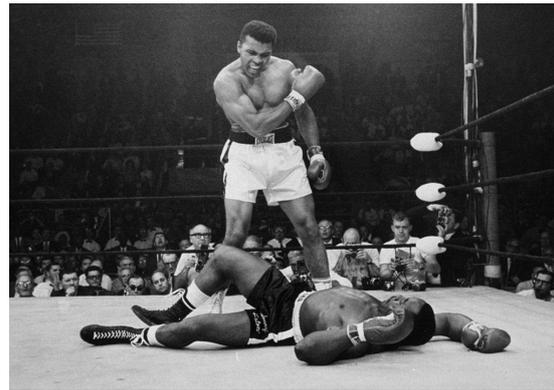
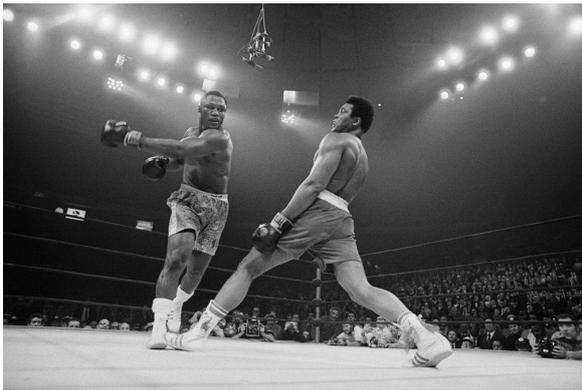
Mas, qual era a verdadeira razão pela qual eu gostava de Muhammad Ali lá atrás, quando eu era criança? E o que havia de bacana naquela selvageria que eram as lutas de box profissional?

Na verdade, não sei. O máximo de que consigo me lembrar é que achava que Ali era um "cara legal". A ordem dos adjetivos foi essa: primeiro, eu descobri que gostava dele, depois é que devo ter ficado sabendo desse negócio das medalhas olímpicas (se é que eu realmente fiquei sabendo disso na época de infância/adolescência). A prisão por causa de não querer servir como soldado no Vietnã, quase com certeza, é informação posteriormente adquirida, quando adulto.

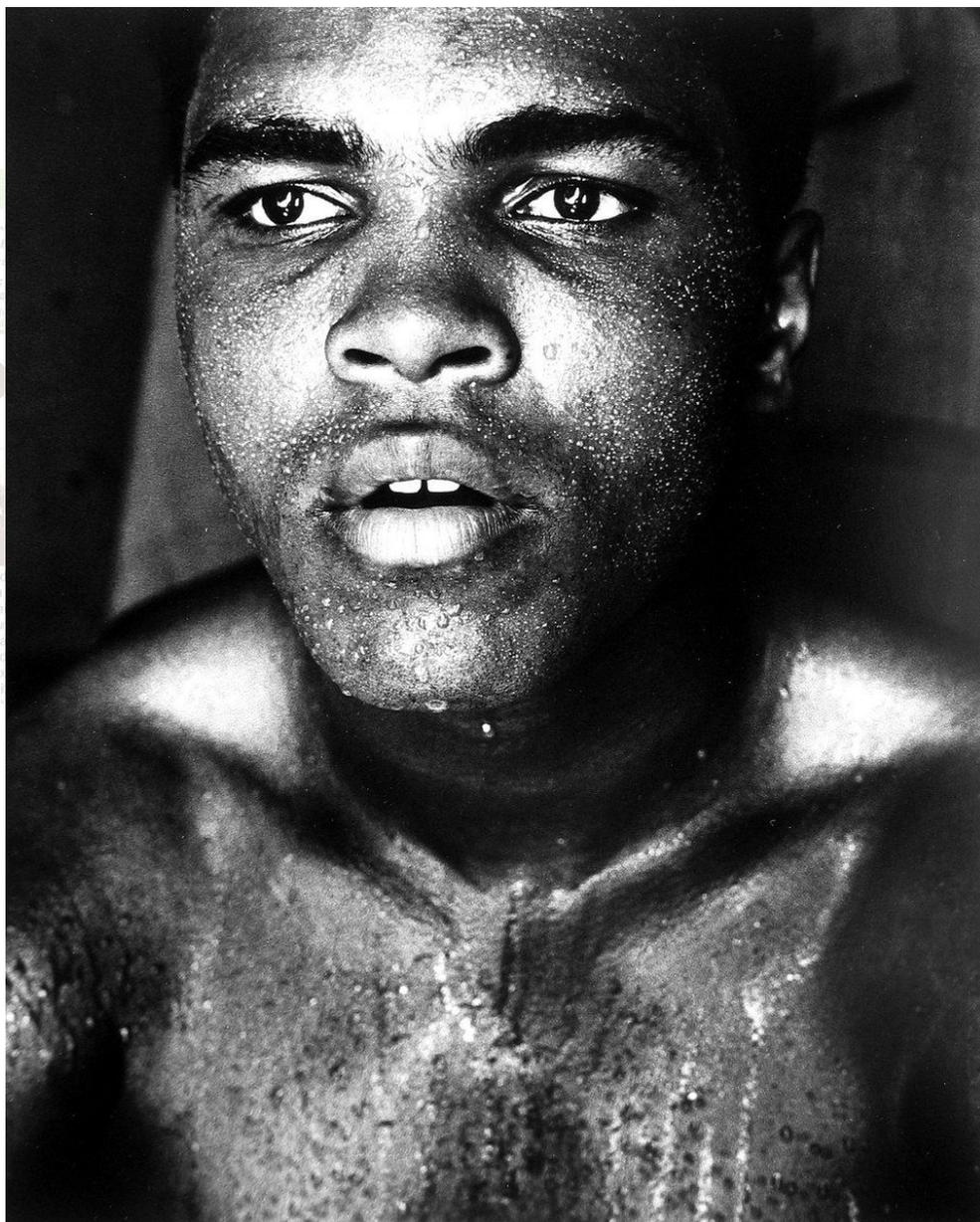
Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



O Bailarino se esquivava... O Bailarino demole!



Fonte: todas as fotos extraídas do link abaixo, acessado em 02/01/2019:
<http://miltonribeiro.sul21.com.br/2016/06/10/as-25-melhores-fotos-de-muhammad-ali/>

O uso e a divulgação deste texto são permitidos desde que a fonte seja citada corretamente.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Fui claro? Talvez eu até soubesse, na época, que ele tinha sido preso. Mas, de fato, não tenho recordação nenhuma disso. Muhammad Ali não era um ativista do movimento negro para mim, naqueles anos. Era um cara de quem eu gostava demais por causa de seu jeito estiloso de lutar e da inteligência que manifestava dentro e fora dos ringues, com suas frases de efeito. Ou seja, "um cara legal".

O ponto importante: não importa que Muhammad Ali tivesse um público enorme a apoiá-lo naquela época; ainda que estivesse "indo na onda", **eu** acertei ao elegê-lo como uma de minhas boas referências de vida. **Eu** acertei torcendo por ele!

Tive outros acertos fundamentais quando criança, como torcer pelo Corinthians ou amar os Beatles e os Rolling Stones. Como já disse, fui muito impactado pelos sucessos e percalços dos programas espaciais, americano e soviético. Diversos eventos esportivos me obrigaram a tomadas de atitude que repercutiriam pelo resto de minha vida, do mesmo modo que me "colocaram contra a parede" em questões que, com o passar do tempo, percebi que sua relevância transcendia os limites das instituições desportivas.

Não espere, portanto, que eu omita referências a acontecimentos de importância fundamental para mim (mas não necessariamente para o restante dos moradores de Perus) pela simples razão de que não é usual que constem em textos acadêmicos. Em outros termos, tive a sorte de não ter meu depoimento pautado por outro intelectual, de forma que este texto reflete apenas e as minhas próprias limitações.

Porém, é necessário fazer um recorte para poder contar uma história com um mínimo de coerência. Falarei, portanto, de determinados acontecimentos que - à falta de um termo mais apropriado - chamarei de "gerais", pois contar minha experiência em Perus sem citá-los acabaria obscurecendo aspectos importantes de minha trajetória pessoal. Tentarei alcançar um ponto de equilíbrio entre estes acontecimentos gerais e os fatos de repercussão mais localizada. Novamente, a banca julgadora dessa busca de equilíbrio são as nobres leitoras e os nobres leitores destas memórias.

Voltemos, agora, ao hospital e à semana nos quais nasci em janeiro de 1963.

Tão logo eu e minha mãe recebemos alta médica, fomos para a residência da família em Perus, bairro do extremo Norte da cidade de São Paulo, onde vivi por muito tempo, até me mudar em razão de casamento. Atualmente, moro em Mogi Guaçu, interior de São Paulo, onde trabalho na querida e gloriosa Unidade Regional do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo sediada na cidade (UR-19).

No Tribunal, hoje atuo na fiscalização externa (órgãos municipais e estaduais, Terceiro Setor), tendo antes passado pelo Almojarifado (sete anos!), pela Diretoria de Transportes, pela Escola Paulista de Contas Públicas, pelo Cartório do ex-Conselheiro Dr. Eduardo Bittencourt e por duas queridas Diretorias de Fiscalização: a 1ª e a 5ª. Antes do Tribunal de Contas, fui estagiário da CET (Companhia de Engenharia de Tráfego de São Paulo, municipal), professor substituto na rede de Ensino do Estado, funcionário comissionado da Prefeitura de São Paulo durante o Governo Luiza Erundina (1989-1992) e atendente da antiga TELESP em serviços de suporte a instaladores e reparadores de telefone. Mais recentemente, fui professor de História nas Faculdades Maria Imaculada, em Mogi Guaçu, por dois anos. O denominador comum a todas estas experiências é que sempre gostei e acreditei muito no

meu trabalho. Com erros e acertos, invariavelmente encontrei o caminho pelo qual faria (e fiz) a diferença. Não foi por outro motivo, aliás, que tive a honra de ocupar o cargo de Agente da Fiscalização durante o período regulamentar de dez anos por nomeação direta e consensual dos Exmos. Conselheiros do Tribunal de Contas. Esgotada esta fase, retornei ao posto de Auxiliar da Fiscalização efetivo, concursado em 1995 com a sensação de dever cumprido, e com mais dever a seguir cumprindo.

Sou casado e tenho três filhos.

Sou mais coisas: graduado em História (USP, 1989), Mestre em Economia especializado em História Econômica (UNESP/Campus de Araraquara, 2001), Doutor em História Social (UNICAMP, 2009). Pretendo, brevemente, iniciar pós-doutorado em área diferente: Segunda Guerra Mundial, História Militar, História Naval.

Devo ressaltar que as referências acadêmicas devem aqui ser evocadas não apenas porque meu mestrado e meu doutorado são focados em Perus, mas porque – ao menos até antes de minhas incursões em Cinema e História Militar – eu construí meu trabalho na Universidade a partir de minha vivência na localidade de origem.

Voltando, portanto, para meus primeiros anos em Perus, lembro que minha mãe, Maria de Lourdes Siqueira, trabalhou como cozinheira em duas Santas Casas (Taubaté e, depois, São Paulo) praticamente sem interrupção de sua adolescência até a aposentadoria. Ela e meu pai, Roque Siqueira, estavam entre os muitos dos trabalhadores forçados a vir da roça, no Interior, para São Paulo em busca de meios de sobrevivência. Meu pai (infelizmente falecido em 1989) era um pouco mais instruído: minha mãe cursou até a segunda série primária; meu pai completou o primário.

Meu pai, trabalhador sem especialização, mas muito inteligente (sempre aprendia um novo ofício com muita facilidade), conhecera minha mãe no período em que foi cozinheiro da Santa Casa da Capital, no começo dos anos 1960. O emprego seguinte do meu pai foi em Perus, bairro onde o casal se instalara com o apoio de parentes dele que tinham vindo do campo numa época pouco anterior.

Em Perus, meu pai, Roque Siqueira, meu tio “Mané” e o primo “João da Bacia”, cada qual a seu tempo, foram operários a serviço da “Perus”, nome como comumente era chamada a Companhia Brasileira de Cimento Portland Perus, empresa que dominava o distante distrito, por muitos anos separado por extensas áreas verdes do restante da mancha urbana de São Paulo. Sou, assim, um peruense “velho”, dos tempos em que Perus tinha ares de pequena cidade da Região Metropolitana, similar a Caieiras, Franco da Rocha, Cajamar, Francisco Morato e Mairiporã.

Tio Mané era “queixada” da grande greve de 1962 da qual falarei adiante. Meu pai era “queixada” de geração mais recente. Ele entrara na Fábrica de Cimento em 1966 na qualidade de um dos “novos” (os ingressados após a greve de 1962 para substituir os grevistas “queixadas” impedidos de voltar ao trabalho). “Novos” que aderiram em massa ao movimento, tornando-se “queixadas” também.

Meu pai tinha preocupação de manter a família a par dos acontecimentos na Fábrica. Ele fazia três turnos de trabalho, o que quer dizer que – a cada dez dias – tinha que mudar do turno da noite (22:00 às 06:00) para o turno seguinte (06:00 às 14:00) e, dez dias adiante, para o das 14:00 às 22:00. A consequência direta era que meu pai sempre estava em casa de manhã ou à tarde (ainda que dormindo) enquanto minha mãe saía de casa às 05:00 da manhã para só estar de volta (considerando o tempo em condução) às 07:00 da noite. Essa circunstância ajudou muito a que eu e minha única irmã, Rosângela (um ano a menos que

eu, nascida em Perus), acabássemos mais apegados a nosso querido e sábio pai. Quando pai estava no turno de 06:00 às 14:00, cabia a mim levar-lhe uma marmita protegida com pano na hora do almoço (11h00), ocasião em que eu sempre me deixava dominar pelo fascínio que o poderio da Fábrica exercia em mim. Isso acabou quando eu ingressei na escola, aos sete anos, por conta do horário das aulas.

Outra característica fundamental de minha infância era o grande respeito da minha família pelo advogado do sindicato, o Dr. Mario Carvalho de Jesus (1919-1995) que exercia com naturalidade o papel de principal líder operário. Cidadão visto como tão sério e competente que, ao menos uma vez, meu pai foi procurá-lo para se aconselhar sobre um negócio importante da família. Embora eu só viesse a encontrá-lo pessoalmente quando tinha mais de vinte e cinco anos, Dr. Mario sempre foi alguém de quem me lembro como muito próximo e presente desde a infância. Como digo a todos, era como se houvesse uma foto dele na sala de casa, emoldurada num quadro, como se fazia com imagens de Getúlio Vargas (1882-1954).

“Perus” (a Fábrica) não era apenas o maior empregador local, mas um determinante básico da formação física do bairro: a estação ferroviária de Perus da antiga São Paulo Railway, atual Estrada de Ferro Santos-Jundiaí (CPTM), inaugurada em 1867, só viria a ser circundada por um núcleo urbano apreciável com o início das obras de construção da planta industrial, posta em operação em 1926. Fábrica que – até 1980 - interferia no dia a dia dos moradores através de suas chaminés que continuamente lançavam quantidades imensas de pó na atmosfera que, na verdade, não era bem cimento, mas a “farinha crua”, ainda não processada completamente em sua linha de produção. Vindo de trem do Centro de São Paulo, era fácil notar que Perus estava chegando, pois, de forma abrupta, a paisagem predominantemente verde passava para cinza. Falo de minha cabeça: era o que eu via quando voltava de trem para o bairro.

É importante ressaltar que trabalhadores mais antigos da Fábrica relatam que o pó não causava grandes incômodos até a época em que a holding canadense que construíra a planta industrial transferiu o controle da Companhia para um personagem muito comentado neste memorial: José João Abdalla (1893-1988), médico, empresário, deputado federal por São Paulo em vários mandatos, popularmente chamado de “J. J.” ou de “o mau patrão”.

Uma das primeiras medidas marcantes da nova administração (iniciada em 1951) foi ordenar a retirada de equipamentos (“filtros”) que impediam que grande parte do pó saísse para a atmosfera, visando ao barateamento e à simplificação da operação fabril. Com o tempo, o problema agravou-se em razão do desgaste dos equipamentos. Essas circunstâncias remetem a um tema que, desde quando conseguia me lembrar, é elemento chave do discurso operário em Perus: a “má gestão” da Companhia pelo patrão.

O poder da Fábrica não se restringia a Perus porque era de conhecimento geral entre os moradores que a empresa fora a responsável pela efetiva implantação da produção de cimento no Brasil ao entrar em operação em 1926. Existe uma lenda a respeito da “qualidade” da produção da Perus no começo do século passado que – na verdade - não se sustenta, pois tanto o cimento tipo Portland como as demais variantes do produto são insumos internacionalmente padronizados. Assim, não precisava ser “melhor”, mas apenas seguir as especificações técnicas de composição química final. O ponto verdadeiro é que Perus foi a primeira empresa a disponibilizar para todo o país um material não apenas conforme as normas aplicáveis (aí sim, “melhor”), mas em larga escala e a preços competitivos, em acentuado contraste com iniciativas rivais anteriores em outros pontos do

território nacional.

Outra lenda do bairro (desta vez, razoavelmente escorada em fatos) é que Perus fora “a Fábrica que ergueu São Paulo”. Realmente, por décadas, a Fábrica disputou o posto de fornecedora exclusiva para a Capital paulista com sua grande rival: a Votorantim, fábrica localizada próxima a Sorocaba, fundada dez anos depois da “Perus”, em 1936. Disputa enfraquecida a partir de 1957 com a entrada em serviço da Cimento Santa Rita, construída em Itapevi.

Mesmo assim, enquanto foram poderosas, Perus e Votorantim forneceram a maior parte do cimento demandado pela passagem de São Paulo de uma cidade de médio porte com cerca de 580.000 habitantes (1920) para a metrópole dos arranha-céus, pontes, avenidas e instalações industriais com mais de 5.600.000 moradores em 1970, nisso consolidando um padrão construtivo que confere centralidade ao concreto e à argamassa de cimento, bastante diferente dos períodos anteriores da história da construção no Brasil.

Essa ideia do poderio da produção cimenteira – dentro e fora de Perus - era expressa pelo costume das crianças locais de chamar as chaminés da Fábrica de “bidala”, referência a ele, José João Abdalla, o todo poderoso proprietário da Perus. Havia até uma musiquinha infantil que falava das “bidalas” de cuja letra, infelizmente, não me lembro mais.

Mas, também, desde muito jovem, aprendi que a outra grande força no bairro era o movimento dos trabalhadores do cimento.

Meu tio Mané, “queixada”, fora um dos decididos operários que tinham enfrentado e vencido o “Bidala” numa greve que durara anos e anos e que, por volta de 1973 (quando eu tinha dez anos), ainda não tinham recebido o pagamento de seus direitos. A partir de uma das janelas de casa, eu podia ver passeatas operárias – com suas ostensivas faixas de protesto – que comumente se dirigiam para a frente do portão principal da Fábrica. Não tenho certeza absoluta, mas, ainda em 1973, devo ter presenciado da mesma janela uma das primeiríssimas manifestações ecológicas do Brasil, articulada por missionários da paróquia católica, que reivindicava o fim do lançamento do pó de cimento, bum período histórico em que Perus era notícia nacional em decorrência da gravidade do problema. Em resposta ao debate então instaurado, o sindicato operário, numa tensa assembleia, decidiu apoiar o movimento, por entender que era de interesse dos trabalhadores que as instalações da Companhia fossem modernizadas. O sindicato fez mais: propunha que uma fazenda de reflorestamento pertencente à empresa, em Perus, fosse desapropriada com a finalidade de criar um “parque ecológico” (expressão que soava um tanto estranha naqueles anos). O objetivo da entidade era propiciar algum benefício à população local, por tanto tempo vítima do pó. Nunca será demais ressaltar que, ao assim se posicionar, o sindicato assumia extraordinário pioneirismo ao trazer para o cenário político – nos primórdios das lutas ambientalistas no Brasil - aquilo que, décadas depois, seria chamado de “compensação ambiental”.

Embora eu ainda fosse levar uma década para conseguir elaborar toda essa descrição aparatosa, tomei conhecimento do posicionamento operário em primeira mão pelo relato de meu pai. Na verdade, ele tinha participado de um evento fundador do movimento ecológico no Brasil, e a mim coube guardar de memória esse registro até conseguir inferir todas as implicações do bravo posicionamento dos trabalhadores da Fábrica de Cimento. A história como algo concreto, acontecendo ali pertinho ou à minha volta... Talvez seja esta a melhor forma de descrever minha infância em Perus.

Os receios de parte dos operários em assumir o apoio à iniciativa em prol do fim do pó de

cimento não eram despropositados, pois não demorou para surgir outro movimento contra a poluição sob a liderança de comerciantes que propunham que a Fábrica fosse fechada como forma de acabar com “os dois males de Perus”: o pó de cimento e o “foco de subversão”, por eles identificado no sindicalismo operário cimenteiro. Algo nada sutil: meu pai me contou que “Seu” João, um de seus companheiros mais próximos, fora parado na rua por agitadores para que dizer, de forma muito agressiva, que “aquilo” (a Fábrica) iria acabar. A questão da poluição em Perus era tão grave que, em 1974 (lembro-me perfeitamente), uma edição do “Jornal Nacional” anunciou a constituição da primeira Secretaria do Meio Ambiente em todo o país, no âmbito do governo federal. No dia seguinte, o Secretário, que eu tinha visto recém empossado nas telas da Rede Globo, já estava em Perus fazendo tratativas.

Relembrando a partir de hoje, parece que tudo se passou rapidamente. A Fábrica de Cimento sofrera intervenção pelo Governo Federal em 1970 e, pouco depois, fora desapropriada. Mesmo assim, parecia que a figura do patrão nunca tinha deixado de pairar ameaçadoramente sobre Perus (o bairro e a Fábrica) até que, em 1980, um leilão tornou a Fábrica novamente propriedade dos Abdalla.

Nesse mesmo ano, o Forno “4”, o mais poluidor, foi desativado, basicamente encerrando o problema do pó de cimento. Muitos operários foram demitidos previamente à privatização (termo que, pelo que me lembro, não usado na época) de 1980. Um ano antes, em 1979, a luta do sindicato pelo “parque ecológico” tivera uma vitória espetacular: diretamente em razão da ação dos sindicalistas, uma grande área de Abdalla fora confiscada pela União e repassada para a Prefeitura de São Paulo que converteu parte no Parque Anhanguera (o maior da Prefeitura com 9,6 quilômetros quadrados), parte no Aterro Sanitário Bandeirantes, o futuro “lixão” de Perus. Em tempo: Perus viria a ter uma longa série de problemas com o Aterro Sanitário, mas isso é um fato que pertence a um momento histórico posterior, pois demoraria certo tempo até que os moradores se sentissem incomodados. A partir de 1983, a Fábrica reduziu-se a moer “clínquer” trazido de outras fábricas, misturá-lo com cal e ensacar para venda. A Estrada de Ferro Perus-Pirapora - ferrovia a vapor que trazia calcário das pedreiras da Companhia na vizinha cidade de Cajamar e argila extraída de um local de nome “Argila”, na altura do seu Km 6,5 - foi então desativada. Em 1984, aconteceu a última greve, com meu pai demitido junto com os demais paredistas. Em 1987, a Fábrica foi finalmente desativada. No mesmo ano, a ferrovia foi tombada pelo CONDEPHAAT. Em 1992, a Fábrica e o trecho da Perus-Pirapora em território do Município de São Paulo foram objeto de tombamento pelo CONPRESP. Em 2001, a ferrovia foi cedida pelo Grupo Abdalla para uma entidade preservacionista que vem restaurando o acervo e recolocando os equipamentos para funcionar na qualidade de atração turística.

Nada disso me motivou a estudar História e Economia, pois bastaria morar em Perus ou em Cajamar naqueles tempos para se ter uma ideia básica a respeito de tudo que expus até agora.

O caminho para me tornar intelectual começou por ler. Leituras tornaram-se paixão e vício compulsivo tão logo me alfabetizei. No começo de 1974 (11 anos), cansado de histórias em quadrinhos, convenci minha mãe a me acompanhar num dia de folga (ela folgava às quartas-feiras e trabalhava nos sábados) até a Biblioteca de Perus, pois precisava da assinatura de algum dos meus pais para me tornar sócio do acervo circulante.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

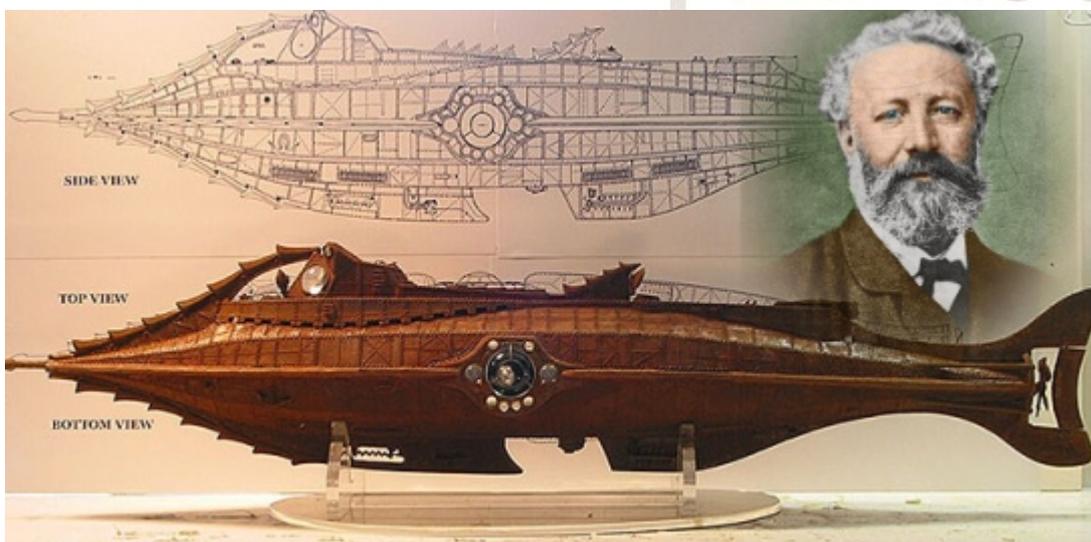
www.historiadorelciosiqueira.com.br/



Biblioteca de Perus nos dias de hoje, como sempre foi: espaço privilegiado de cultura e criação

Fonte: Facebook da Biblioteca, acessado em 02/01/2019: pelo link <https://www.facebook.com/bpmjosedeachieta/photos/a.815948035117680/1658046980907777/?type=1&theater>

Sabia o que procurar: eu já tinha descoberto uma enorme coleção de livros de Júlio Verne (1828-1905), o autor de obras que tinham ensejado a produção de filmes que muito me impressionaram na TV. Feita inscrição, peguei "A Aldeia Aérea," de Verne, naquela tarde e não fui dormir antes de acabar de ler, no mesmo dia.



Julio Verne e seu submarino, o "Nautilus", de *Vinte Mil Léguas Submarinas*.

Fonte: <http://novo.roteirosliterarios.com.br/2015/01/30/nantes-franca-completa-o-passeio-pelo-universo-steampunk-com-museu-julio-verne/> acessado em 02/01/2019.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



- Fontes (links acessados em 02/01/2019):
- <https://www.portaldaliteratura.com/atores.php?autor=403>
 - https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-876333591-viagem-ao-centro-da-terra-coleco-farol-hq-julio-verne-_JM
 - <https://www.estantevirtual.com.br/livros/julio-verne/tres-russos-e-tres-ingleses/507318395>
 - <https://www.casabahia.com.br/livros/livrodaliteraturaestrangeira/contoscronicasensaio/l-pm-pocket-a-volta-ao-mundo-em-80-dias-julio-verne-172624.html>
 - <https://www.amazon.com.br/terra-%C3%A0-lua-Jules-Verne-ebook/dp/B00GGNTHKY>
 - <https://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/2015/07/1653113-em-livro-jules-verne-cria-alegoria-da-humanidade-com-incidentes-sobrenaturais.shtml>
 - <https://www.portaldaliteratura.com/livros.php?livro=3648>

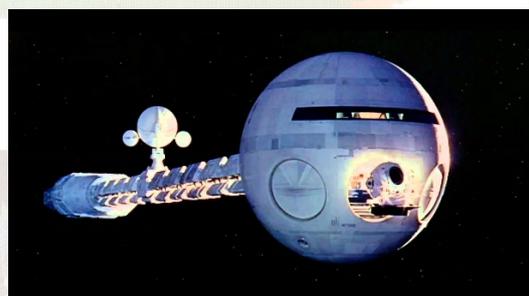
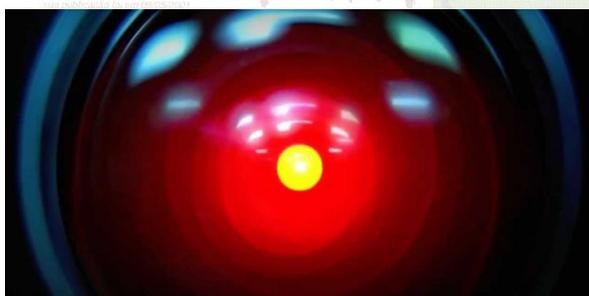
De Julio Verne (nada menos do que o cidadão que previu a criação da Internet com um século de antecedência) passei para Arthur Clarke (1917-2008). Deste autor, o primeiro livro que li foi "2001, uma Odisseia no Espaço" com as cenas do filme ainda frescas em minha mente. Na época, a arrepiante música tema do filme ("Assim falou Zarathustra", de Richard Strauss) tornou-se a própria canção símbolo do Programa Espacial que, ao tocar na TV, convocava a humanidade para o próximo voo do Projeto Apollo, então o maior e mais glamoroso show do planeta. "Assim falou Zarathustra" soava como um hino à aventura, com seu tom solene e dramático sabiamente nos lembrando dos enormes riscos envolvidos no voo espacial.

A adoção da música tema de "2001" pelo *Projeto Apollo* tinha um sentido muito preciso: a mais sofisticada tecnologia então existente estava sendo usada para realizar as fantasias da ficção. Ficção e Ciência, revelando-se irmãs, se fundiam numa aventura que romperia os limites da realidade que nos cercava rumo aos mistérios e perigos que nos aguardavam fora da Terra, simbolizados pela enigmática figura do *Monólito* de Kubrick e Clarke.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



2001, *Odisseia Espacial*, filme de Stanley Kubrick (1928-1999) lançado em 1968, baseado no romance homônimo de Arthur Clarke lançado no mesmo ano.

Fontes (links acessados em 02/01/2019):

- <https://www.spinoff.com.br/cinquenta-anos-depois-de-2001-uma-odisseia-no-espaco-sua-atualidade/>
- <https://www.omelete.com.br/filmes/2001-uma-odisseia-no-espaco-45-anos>
- <https://esotericaastrologer.org/newsletters/capricornio-2017-forca-mental-uma-odisseia-no-espaco-o-povo-judeu-sionismo-e-israel/>
- <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/19-fatos-que-voce-provavelmente-nao-sabia-sobre-2001-uma-odisseia-no-espaco-22556553>
- <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-27442/fotos/detalhe/?cmediafile=19879574>
- <https://mag.sapo.pt/cinema/atualidade-cinema/artigos/2001-odisseia-no-espaco-morreu-a-voz-de-hal-na-obra-prima-do-cinema>
- <https://flaviovergueiro.wordpress.com/2015/04/08/uma-odisseia-para-la-de-2001/>

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

De Clarke para Isaac Asimov (1919-1992). Li dezenas e dezenas de obras desses autores e de Verne. Foi com Verne, Clarke e Asimov que aprendi o que vem a ser Ciência, junto com os filmes (para mim, aulas) que retratavam os intrépidos mergulhos de Jacques Cousteau (1910-1997) nas profundezas do mar, a partir do legendário navio oceanográfico, "Calypso". Devo também citar Carl Sagan (1934-1996) como um dos meus professores especialmente queridos.

12

Esses nobres senhores me ensinaram aquilo que entendo como Ciência. O "espírito" do que é investigação eu assimilaria depois que me formei historiador pela USP (1989), lendo as peripécias dos personagens detetives de Agatha Christie (1890-1976), Edgar Allan Poe (1809-1949) e Arthur Conan Doyle (1859-1930), outras dezenas e dezenas de livros.

Devo ressaltar que estou aqui falando de "Ciência" no sentido de "Ciências Exatas", não de Ciências Humanas: eu pretendia me tornar astrônomo em razão do fascínio provocado pelo Programa Espacial. Sem informação disponível sobre as naves soviéticas, ficava contando os dias para o próximo lançamento do Projeto Apollo.

Não havia dúvidas, na época, de que os voos da *Apollo* eram o limite extremo da experiência humana, e não só para os astronautas: é clara em minha mente a lembrança do choque e da perturbação das pessoas diante das imagens de homens caminhando em solo lunar; percepção talvez incompreensível para as pessoas cujas mentes foram formatadas depois que a humanidade ultrapassou essa barreira da história cultural. Depois da Lua, a expectativa de todos era que o passo seguinte fosse um voo a Marte.

Porém, a NASA optou pelo ônibus espacial enquanto os soviéticos passaram a manter seus cosmonautas em órbita durante longos períodos. Da Lua e do voo abortado para Marte para missões em órbita baixa, a 400 quilômetros de altura, no máximo. Frustrante...

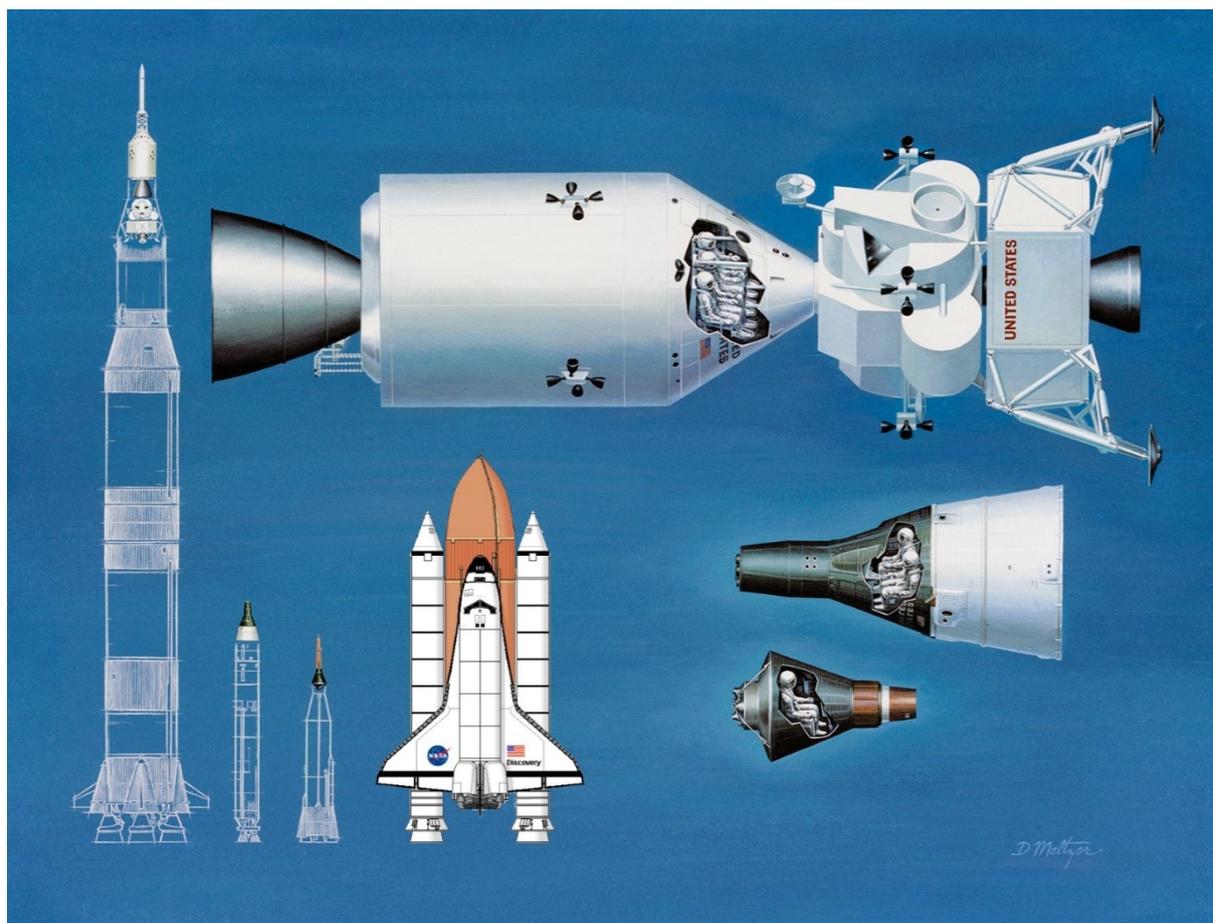
Mas tinha mais uma coisa: eu conhecia em detalhes o foguete *Saturno V*, os módulos de serviço e de comando, bem como a nave de descida lunar do "Apollo". Como também conseguia diferenciar claramente estes veículos dos componentes das naves anteriores do programa espacial americano (os Projetos *Mercury* e *Gemini*). Tudo porque eu tinha ido várias vezes à minha querida Biblioteca de Perus com lápis e papel apropriado para copiar o design dessas maravilhas.

A importância dessas coisas para mim torna obrigatório, agora, um recuo no tempo para retomar alguns aspectos da corrida espacial tal como eu percebia na época.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



13

Da esquerda para a direita: naves Saturno V (Projeto Apollo), Gemini, Mercury e o Ônibus Espacial. No alto, Projeto Apollo: Módulo de Serviço acoplado ao Módulo de Comando (onde se vê os astronautas) e Módulo Lunar

Embaixo, à direita:

- Módulo de Comando do Projeto Gemini acoplado a seu Módulo de Serviço (em branco);
- Módulo de Comando do Projeto Mercury ("bico" marrom e branco, voltado para a direita)

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Programa_Apollo - acessado em 25/12/2018

Havia uma informação clara nos anos 60/70: voo espacial era algo extremamente perigoso. As espetaculares missões à Lua fizeram-se sob a lembrança das trágicas mortes dos astronautas no incêndio da *Apollo 1* em 1967 (Virgil Ivan "Gus" Grissom, Edward "Ed" Higgins White II, Roger Bruce Chaffee). Na época, eu não tinha clareza de quando ocorreria o acidente (só sabia que muito pouco tempo antes), do qual a mídia fazia referências esporádicas, mas sempre perturbadoras. Desses nomes, o de Grissom ressoa em minha memória até hoje. Também fiquei sabendo, de alguma forma, do drama de um cosmonauta russo cuja nave falhou ao acionar a abertura de paraquedas na reentrada, fazendo-o morrer na explosão subsequente ao choque direto com o solo. As lembranças podem não ser precisas, mas sei que este outro acidente também me deixou muito abalado.

Os dois acidentes eram assuntos difíceis para mim. Passaram-se anos até que eu procurasse saber quem era aquele cosmonauta cuja perda me doera tanto: seu nome era Vladimir Komarov e também morreria em 1967. Foi, na verdade, um dos grandes nomes daqueles

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

tempos, pois liderara a primeira missão ao espaço de uma tripulação composta por mais de um homem em 1964.



Da esquerda para a direita: "Ed" White, "Gus" Grissom e Roger B. Chaffee, mártires da Apollo I

Fonte: de 1995, um https://en.wikipedia.org/wiki/Apollo_1#/media/File:Apollo_1_Prime_Crew_-_GPN-2000-001159.jpg acessado em 02/01/2019



Selo comemorativo da missão Voskhod I, de 1964. Da esquerda para a direita: Vladimir Komarov (comandante), Konstantin Feoktistov (engenheiro de voo) e Boris Yegorov (médico)

Fonte (acessada em 02/01/2019):

https://pt.wikipedia.org/wiki/Voskhod_1#/media/File:Soviet_Union-1964-stamp-Woschod_1-001.jpg

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Outra história que me impressionou profundamente foi a da explosão em pleno espaço no módulo de serviço da *Apollo XIII* em 1970, cujos corajosos tripulantes conseguiram retornar com vida, mantendo-me tenso e preocupado em frente à TV enquanto eu os via realizando reparos na nave. Por alguns dias, até o glorioso aparecimento da *Apollo XIII* sobre o mar com os paraquedas abertos, em segurança, a "Guerra Fria" simplesmente tinha parado. Todos os países no curso provável de reingresso da nave tinham aberto seus mares territoriais e oferecido recursos que poderiam ser úteis.

15

É importante ressaltar que minhas lembranças se concentram não exatamente em todo o período dos voos tripulados à Lua (1968-1972), dentre os quais algumas missões apenas orbitaram o satélite. Tenho mais clareza dos acontecimentos a partir de 1970, pois foi nesse ano que meu pai comprou o primeiro aparelho de televisão da família para assistir à Copa do México.

Deste modo, não pude ver ao vivo a descida na Lua de Neil Armstrong (1930-2012) e de Edwin Eugene "Buzz" Aldrin Jr. (1930) a partir do veículo de alunissagem "Eagle", enquanto Michael Collins (1930) os esperava em órbita no módulo de comando. Vi tudo depois, em reportagens e programas de TV. Mesmo assim, eu decorei os nomes de Neil Armstrong, "Buzz" Aldrin, Michael Collins e da "Eagle" naquela época para nunca mais esquecer. Os voos da *Apollo XII* até a *XVII* (a última missão a pousar na Lua) eu pude acompanhar ao vivo, sempre com uma torturante espera até o próximo lançamento.



Apollo XI. Da esquerda para a direita: Neil Armstrong (Comandante), Michael Collins e "Buzz" Aldrin

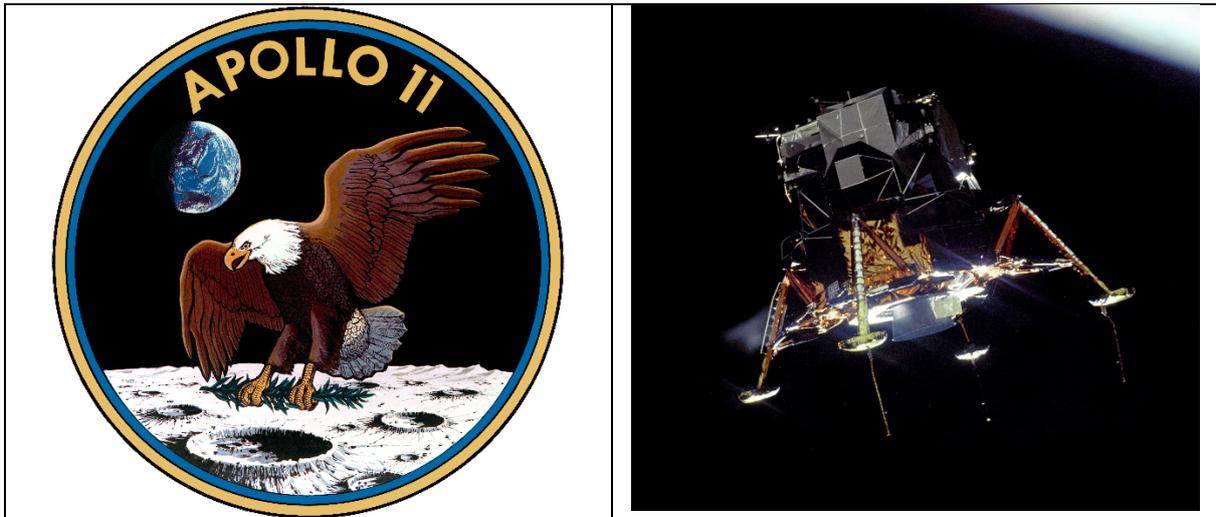
Fonte:

https://en.wikipedia.org/wiki/Apollo_11#/media/File:Apollo_11_Crew.jpg acessada em 02/01/2019

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



16

As duas águias ("Eagles"): no escudo da missão e vista do módulo de comando, orbitando a Lua.

Fontes (acessadas em 02/01/2019):

https://en.wikipedia.org/wiki/Apollo_11#/media/File:Apollo_11_insignia.png

https://en.wikipedia.org/wiki/Apollo_11#/media/File:Apollo_11_Lunar_Module_Eagle_in_landing_configuration_in_lunar_orbit_from_the_Command_and_Service_Module_Columbia.jpg

Mas, onde estava Yuri Gagarin?

Nos anos dos voos da Apollo à Lua, o que não batia, em minha cabeça, era a ausência de Yuri Gagarin (1934-1968). Custei a entender que ele tinha falecido num acidente aéreo, sem chegar a ver seus camaradas americanos caminhando pelo nosso satélite natural. A dificuldade de assimilação desse fato por mim não decorria necessariamente de ausência de informação embora, realmente, eu devo ter demorado a saber da morte do primeiro homem a viajar pelo espaço. O ponto era que eu simplesmente achava que acontecimentos tão grandiosos não poderiam ocorrer num momento de tanta glória sem a presença da principal liderança daquela sublime aventura.



Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/



Fontes (acessadas em 03/01/2019): *

<http://www.defesanet.com.br/space/noticia/11215/Yuri-Gagarin---Misterio-da-morte-e-desvendado/>

<https://www.imdb.com/name/nm0300789/mediaviewer/rm1177167616>

<http://content.time.com/time/covers/0,16641,19610421,00.html>

(*) Incluem as fotos de Gagarin desta página e da anterior.

No fim, percebi que a motivação propiciada pela liderança tranquila e segura de Yuri Gagarin, e por seu exemplo pessoal de coragem, tinha deixado marcas impossíveis de se desmanchar naqueles anos do mesmo modo que, em Perus, na mesma época, a poderosa mensagem e o acentuado carisma do Papa João XXIII (1881-1963, Pontífice a partir de 1958) faziam com que sua presença inspiradora perpassasse, de forma inequívoca, todo o trabalho da Paróquia Católica " Santa Rosa de Lima" junto à população.

Neste ponto da exposição, chegou o momento de dizer que existe algo além da minha aparente atitude de racionalidade científica.

Em certo período de minha juventude, acabei me afastando da Igreja e me declarando ateu. No entanto, com o passar do tempo, vi que meu pensamento está mais de acordo com o agnosticismo, ou seja, com a ideia de considerar que a verdade da fé está fora das possibilidades reais de investigação. Como costumo dizer, minha descrença se estende ao ateísmo, pois penso que a inexistência de Deus é algo de tão improvável comprovação quanto a posição contrária.

Devo, portanto, conceder às duas posições o crédito de, em tese, poderem se revelar em algum momento como a expressão da verdade, com a ressalva de que – em meu entender - qualquer posição que se resolva adotar a respeito é de foro íntimo, fora da alçada das regras que se queira adotar para o debate em público.

Posto isso, minha real atitude não é exatamente a de um agnóstico, pois sempre me senti

parte da comunidade liderada atualmente pelo Papa Francisco; vínculo que, de fato, nunca se quebrou. Meus pais são católicos, fui muito assíduo frequentador de missas por muito tempo, fiz a primeira comunhão após fazer catecismo. Fui crismado pelo Bispo Dom Alfredo Novak (1930-2014), norte-americano, em 1980.

Meu círculo de relacionamentos pessoais sempre foi basicamente católico, do mesmo modo que católicos são a maioria dos companheiros das lutas de que participei. Líderes católicos sempre foram pessoas referenciais para mim, como o próprio Dr. Mario Carvalho de Jesus, o grande líder operário de Perus, João Breno Pinto (1932-2002), mas também os Padres Pedro e Mateus de Perus, o Bispo Dom Angélico Sândalo (1933), o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016) e o Papa Francisco (1936) porque suas atitudes solidárias, sua empatia, seu senso de justiça sempre me ajudaram a vislumbrar o caminho que melhor me agrega à sociedade. Em períodos mais recentes, tenho também nutrido simpatias pela Igreja Anglicana, muito em razão de suas semelhanças com a atitude agregadora que vejo no catolicismo. Abdicando de querer ostentar coerência a qualquer custo, imagino que me assemelho à “ovelha” que, por vezes, se desgarrar; mas segue com naturalidade as orientações do “Bom Pastor”.

Preciso ressaltar que custei a perceber a extensão da influência católica em minha formação. Na adolescência, minha primeira onda de racionalismo fora contra as “superstições” que tanto me irritavam em pessoas próximas. Não demorou para perceber que minha crítica à “falta de fundamento” dessas crenças ia além da argumentação de perfil científico, e se concentrava em cobrar coerência: quem tinha uma “verdadeira fé cristã” não poderia acreditar que os poderes mágicos fossem algo intrinsecamente real que pudesse atingi-lo. Ou seja, no fundo, meu racionalismo era de inspiração cristã do mesmo modo que minha aversão à injustiça sempre teve a figura de São Francisco de Assis como referência principal. Outro herói de infância se tornaria meu modelo básico de militante: Robin Hood, o líder da resistência dos fracos contra os opressores. E, logicamente, o movimento operário em Perus, com sua poderosa organização de trabalhadores, era um comprovado modelo daquilo que, na Universidade, eu aprenderia a chamar de “luta social”. Marx (1818-1883), Lenin (1870-1924), Trotsky (1879-1940) e personagens semelhantes que eu estudaria no curso de História vieram antes referendar as noções básicas que eu aprendera em Perus com o sindicato e com Igreja Católica.

Durante o doutorado, ficou ainda mais em evidência a importância da herança que trouxera de Perus. As referências habituais que a Academia usa para analisar o movimento operário no Brasil - desenvolvidas tendo em vista as sucessivas fases de hegemonia anarquista e, depois, comunista e “sindicalista autêntica” no meio popular – são de difícil aplicação ao movimento dos “queixadas” que se constituiu no praticamente único caso significativo de sindicalismo de perfil democrata-cristão implantado no país.

A pauta de reivindicações, o leque de alianças na sociedade, a forte relação com a alta hierarquia da Igreja Católica desde a década de 1950, a luta pela desapropriação da Fábrica de Cimento para que uma cooperativa de operários pudesse administrá-la: muito pouca coisa bate com o sindicalismo no restante do Brasil.

E o não necessariamente óbvio deve ser dito: em 1962, os trabalhadores de Perus estiveram à beira de tomar o controle de sua companhia contando com um movimento de apoio em setores sociais e políticos que, normalmente, manifestavam-se de forma hostil ao movimento operário. Nesse contexto, a “conservadora” reivindicação da cogestão operária

(ou seja, da participação dos trabalhadores nas decisões capitais da empresa) derivou para algo próximo a situação politicamente incontrolável em Perus e Cajamar ("incontrolável" no sentido de fora do comando do governo, da polícia política e dos patrões).

O nome disso é "movimento revolucionário", ainda que orientado por um programa "conservador" ou "burguês" (democrata-cristão) e com apoio de um extenso setor da opinião pública refratário a qualquer coisa politicamente "vermelha". Novamente: como enquadrar tudo isso dentro do figurino básico construído pelas Ciências Humanas para os movimentos sociais?

E não ajuda dizer que havia "pelegos" em Perus e Cajamar, pois qualquer tentativa de compará-los aos "amarelos" dos tempos dos anarquistas ou com os dirigentes sindicais "moderados" que surgiram basicamente a partir de Estado Novo (1937-1946) dificilmente terá serventia para a análise social. O que pensaria, por exemplo, um pesquisador inexperiente que topasse com a referência à "luta dos pelegos e queixadas, lembranças que não vão se apagar" no Hino do Município de Cajamar? Ou que descobrisse que os "pelegos" lideraram o sindicato durante um período especialmente rico em mobilizações (1965-1973)? O impacto desse contexto muito particular em minha formação ficou nítido com a leitura das obras de Jacques Maritain (1882-1973), principal teórico democrata-cristão. Foi quando vi que muitas das concepções políticas que eu rotineiramente sigo são, na verdade, originadas de um ideário bastante diverso das referências "socialistas" que aprendi na Universidade. Em todo caso, as pessoas à minha volta não têm dúvidas em me considerar um membro da esquerda. E em relação à Igreja? Bem, penso que talvez eu seja o equivalente cristão dos judeus que, ateus ou agnósticos, não seguem direito a religião das gerações mais antigas de suas famílias, ou não as seguem em sentido nenhum. Mas que são indiscutivelmente judeus do mesmo modo que, em meu dia a dia, eu tento seguir os ensinamentos éticos dos pregadores católicos do melhor modo que consigo. Não existe nenhum recurso discursivo de viés conotativo, tipo "força de expressão", quando falo em "pregadores católicos". Emprego essas palavras em sentido literal. Perus foi um dos núcleos fundadores do Movimento da Não-Violência no Brasil. No meio operário no qual fui criado, a firmeza dos justos é componente essencial dos movimentos reivindicatórios, ao ponto dos depoimentos prestados na prisão perante a polícia política da Ditadura de 1964 serem vistos como ocasião fundamental para reafirmar as razões pelas quais os trabalhadores estavam em luta. Não se tratava apenas de uma questão de demonstrar firmeza estritamente política. Ao explicar calmamente perante o opressor os motivos e procedimentos da resistência operária, o trabalhador estava, acima de tudo, dando seu próprio testemunho de fé, tal como tinham feito os mártires cristãos em épocas anteriores, igualmente se sujeitando a sofrer toda sorte de violências físicas e verbais. Que importância têm os debates filosóficos em face disso? Acredito que, dentre avanços e recuos, podemos sofrer derrotas de difícil e demorada reversão. Entretanto, não tenho dúvidas de que, tendo essas nobres pessoas como meus camaradas mais próximos, acabaremos por derrotar as injustiças do mundo.

Apesar de toda a importância que o catolicismo tem para mim, eu me tornei um esquerdista em algum momento entre a infância e o começo da adolescência diretamente em razão da propaganda da Rede Globo e do "governo" ("ditadura militar" é expressão aprendida posteriormente, na Universidade). Foram eles que me transformaram num comunista por

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

volta de 10/12 anos. Explico.

Em primeiro lugar, eu tinha passado por uma experiência ímpar em 1970 ao assistir à Copa do Mundo no México, aos sete anos de idade. Como já assinalei, a primeira TV em casa chegara exatamente para ver esse torneio. E eu assistia aos jogos com muita atenção. Importante: o time que mais me impressionava era o "Peru". Um time tão extraordinário que chegou à final da Copa justamente contra o Brasil.

Ei! Mas a final da Copa em 1970 foi Brasil versus Itália, não Brasil e Peru!

Sim, eu sei. Foi isso que meu pai me explicou minutos antes de começar o jogo final.

Respondi prontamente: "então, eu vou torcer para a Itália". De imediato, meu pai me repreendeu com severidade: "você tem que torcer para o Brasil porque é seu país!"

Eu, naturalmente, fiquei irritado com a forma autoritária com que ele se dirigiu a mim. À parte disso, considere o argumento sem lógica: que razão haveria para que eu tivesse necessariamente que torcer para o Brasil num evento esportivo? Era só um jogo...

Sem nada dizer, resolvi torcer para o meu time: a Itália! E foi 4 x 1 para o Brasil numa partida que, ao final, me deixou muito aborrecido.

20



Seleção Italiana, Campeã Europeia (1968) e Vice-campeã Mundial (1970)

Time base: Albertosi (Zoff); Burgnich, Rosato, Guarneri (Cera) e Facchetti; Salvatore (Bertini; Juliano) e De Sisti (Ferrini); Domenghini, Boninsegna (Anastasi), Mazzola (Rivera; Lodetti) e Riva (Prati). Técnico: Ferruccio Valcareggi.

Fontes (acessadas em 03/01/2019):

https://storiocalcio.altervista.org/blog/mondiali_70_prati.html

<https://calciopedia.com.br/2013/11/times-historicos-italia-1968-1970.html>

Nos dias seguintes, o inferno que fora aquele jogo se prolongou com as comemorações pela vitória brasileira que ficaram passando na TV o dia todo. Acredito que meus familiares não

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

perceberam nada de diferente em mim. Mas, o fato é que tenho dificuldades de me lembrar de algo que tenha me deixado tão deprimido.

Saí deste episódio com o que hoje chamaria de decisão emocional: eu poderia torcer sim para o Brasil, desde que me sentisse representado pelo time que ostentasse o nome do país. Nessa conformidade, torci com todas as forças pela Seleção Feminina de Basquete que realizou uma campanha extraordinária no Mundial realizado em São Paulo no ano de 1971, pois aquelas meninas realmente se mostraram merecedoras de todo o meu apoio. Foi surpreendente. O Brasil nunca tinha se classificado para o Mundial, e só jogou este porque era o país sede. O desconhecido time brasileiro foi acumulando uma série totalmente inesperada de vitórias que resultaram numa audiência apenas comparável à dos grandes jogos de futebol. Até que o país parou para assistir à grande partida do torneio: Brasil x Estados Unidos no Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, totalmente lotado. Sob o ensurdecedor barulho de "Brasil, Brasil!" e das vaias para o time americano... Vitória! A primeira do Brasil contra os Estados Unidos no basquete. Em seguida, as meninas perderam na semifinal para a União Soviética. Mas, todos entenderam que tinham chegado ao limite e toparam com uma barreira insuperável. Por fim, um honroso terceiro lugar que foi o ponto de partida para transformar o basquete feminino numa modalidade popular no Brasil.

Folha X - Jornal do Bairro de Parus
Ano 9 - n° 194 - Quinzenal de 05 a 18/06/2001



O timaço do Brasil, Medalha de Bronze em 1971: **Norminha, Jacy, Odila, Delcy e Elzinha**

Fonte:

<http://www.i7noticias.com/paraguacu/noticia/25108/ex-jogadora-da-selecao-brasileira-de-basquete-elzinha-pacheco-conduzira-a-tocha-olimpica>

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Torci com gana, nos anos 80, pela **Seleção de Prata** de Vôlei, que penso ter sido a melhor do Brasil em todos os tempos: Bernard, Montanaro, Xandó, Renan, William, Amauri, Bernardinho, Fernandão:



Fonte (acessada em 03/02/2019):

<https://esportes.estadao.com.br/noticias/volei,a-medalha-de-prata-em-1984-virou-ouro-para-o-futuro-do-volei-brasileiro,1541939>

Era uma delícia ver o começo das jogadas com o saque forçado no fundo da quadra (ou "jornada", de Montanaro) ou com o saque "Jornada nas Estrelas" de Bernard: duas invenções brasileiras.

Bernard trouxe do vôlei de praia o seu saque "jornada": bater a bola para alto com extrema força para que suba o máximo possível dentro de seu trajeto parabólico. Ora, numa parábola, o objeto chega de volta ao chão basicamente com a mesma velocidade com que iniciara a subida. Como Bernard mandava realmente muito alto, o estrago inicial dessa jogada foi fantástico. Lembro-me que de um time do Japão (contra quem o Brasil tinha, até então, uma tradição de sempre perder) ter se desestruturado por completo num jogo no Maracanãzinho. Quando chegava a vez de Bernard sacar, os atletas japoneses assumiam uma atitude que só posso chamar de "pânico". Um massacre! Depois disso, no Mundial que o Brasil disputou na Argentina, houve a preocupação (por parte dos organizadores) de marcar os jogos da nossa Seleção somente em ginásios de teto baixo...

O saque forçado de Montanaro era outra novidade: o jogador vinha correndo do fundo do ginásio, lançava a bola para o meio de sua quadra defensiva e, antes de tocar na sua linha de fundo, saltava para alcançar a bola no ar e, então, desferir uma cortada. O golpe combinava a força da cortada com a da energia cinética acumulada na corrida pelo corpo do atleta. Nessas condições, o "foguetete" era desferido praticamente na metade do trajeto entre a linha de fundo e a rede.

Quando a bola vinha da quadra adversária, William fazia levantamento jogando-a repentinamente para trás, na direção de quem estava às suas costas, driblando os oponentes mais próximos à rede. Era quando um jogador fazia que ia cortar a bola, mas

"furava" intencionalmente, aplicando novo drible no time adversário. Então, vindo do fundo da quadra, aparecia outro brasileiro para cravar uma "bomba" com uma cortada desferida quase na linha da rede...

O saque "jornada", versão Montanaro, e as "cortadas" próximas à rede criaram uma ocorrência inédita no vôlei: bolas arremessadas com extrema violência à queima-roupa, capazes de derrubar um atleta profissional de dois metros de altura, mandando-o para o chão sem piedade. Além disso, a velha tática de responder às cortadas com o "bloqueio" (atletas com os braços levantados, alinhados lado a lado junto à rede) repentinamente ficou ultrapassada, pois as equipes não conseguiam mais acertar o momento e os locais corretos para se posicionar desta forma de modo eficiente.

Táticas que se mostraram tão devastadoras que a Federação Mundial de Vôlei criou a linha de três metros para dificultar cortadas violentas próximas à rede. Pergunto: quantos times, quantos atletas, impactaram o esporte que praticavam ao ponto de tornar-se imperativa a mudança de regras para que seus adversários tivessem alguma chance?

Muito diferente foi com a "Seleção de Ouro" do Vôlei (a primeira a ganhar o ouro olímpico em Barcelona, 1992), cujos jogadores pareciam mais interessados em usar o nome do Brasil para seus projetos pessoais de ganhar dinheiro. A ausência de empatia pelo time manifestou-se pela minha incapacidade de me recordar dos nomes dos atletas.

Nessa altura, devo enfatizar que prefiro futebol e basquete porque são esportes que demandam criatividade enquanto o vôlei é basicamente a chatice de repetir as jogadas básicas ("fundamentos") sem variação e com muito poucas... Ou melhor: nenhuma criação de coisas novas. É de conhecimento geral que, no vôlei, uma equipe muito inferior perde praticamente sempre. Há mínimo espaço para uma equipe inferior vencer "na raça". Portanto, exatamente porque acho o vôlei uma droga é que gostava tanto da Seleção de Prata: um time cheio de alternativas e lances surpreendentes que forçou a elevação do nível técnico desse esporte para um novo patamar em todo mundo, ainda que tenha perdido suas principais competições: o Mundial de Vôlei na Argentina e a Olimpíada de Los Angeles.

Os dois vice-campeonatos remetem ao fato de que a *Seleção de Prata* nunca foi a "número um" em sua época de glórias, apesar de ter mudado o vôlei como um todo de forma tão pronunciada. Consequentemente, suas equivalentes, dentre os imortais do futebol, são a "Seleção de Ouro" da Hungria (vice-campeã da Copa de 1954), a "Laranja Mecânica" holandesa (vice em 1974 e 1978) e a Seleção do Brasil que disputou a Copa da Espanha em 1982 com Zico, Sócrates e Falcão.

Depois do timaço de William, Montanaro e Xandó, voltamos à normalidade do vôlei: um joguinho sem graça de robzinhos altamente selecionados e altamente treinados. Muda de canal!

Quanto ao futebol, vivo uma dualidade desde 1970. Por um lado, minha vida é dividida em períodos de quatro anos, entre uma Copa do Mundo e outra. As Copas são, para mim, um momento de extrema felicidade. Um dos principais encantos desses eventos é que o torneio supremo do futebol materializa o espírito de fraternidade universal de um modo que as Olimpíadas não conseguem. Basta lembrar da execução dos hinos com os jogadores

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

perfilados e do juramento dos capitães - em nome de suas equipes - de combater todas as formas de discriminação e preconceito. Quando isso ocorre numa Copa, há algo diferente na reação das pessoas. É quando se torna perceptível que estamos no verdadeiro torneio esportivo da ONU.

O futebol, portanto, é algo que amo de paixão. O Corinthians, por quem torço incondicionalmente, é parte essencial de minha vida diária. Quanto à Seleção Brasileira... Bem, eu torço sim. Mas, com um espírito crítico que eu mesmo considero irritante. Estranhamente, a seleção que eu mais critiquei foi aquela pela qual eu mais torci, a de 1982.



Fonte (acessada em 03/01/2019):

<http://soderbi.com.br/especial-elenco-da-selecao-brasileira-de-1982-tinha-o-dna-do-futebol-campineiro-por-que-o-legado-foi-perdido/>

Nessa época (16/19 anos), eu tinha aprendido que todo campeonato tem uma fase decisiva mesmo quando é estruturado em pontos corridos. Em consequência, não me impressionava mais ao ver uma equipe jogar bem contra times mais fracos em fases nas quais as equipes não se sentem muito pressionadas. Outra coisa: tendo a prestar mais atenção naquilo que deu errado, não nos acertos. Já tinha visto, inúmeras vezes, times com boas campanhas desmoronarem em jogos decisivos em decorrência de falhas recorrentes não solucionadas. Uma explicação que se aplica em muitas dessas situações é que o sucesso realmente cega.

Quanto à Seleção que foi disputar a Copa da Espanha em 1982, eu tinha acompanhado atentamente a formação dessa equipe desde a Copa América de 1979 (Brasil vice-campeão), passando pelo Mundialito do Uruguai em 1980 (outro vice) e nos jogos eliminatórios. Tudo

muito claro: nas vezes em que fora pressionada por um adversário à altura, nossa Seleção tinha perdido.

Classificada para a Copa, a Seleção fez uma excursão interessante pela Europa, onde vencera a Alemanha em sua casa e de virada: 2 x 1. Depois, houve uma série de amistosos contra seleções inexpressivas que foram muito boas para criar um clima de otimismo que julguei excessivo. Eu que deveria ser um dos pouquíssimos torcedores céticos em relação àquele time.

Parecia-me que, quando a equipe demorava para abrir vantagem, manifestava-se uma tendência a surgir uma lacuna muito perigosa entre a defesa e os fantásticos jogadores do meio de campo para frente: Falcão, Zico, Sócrates, Cerezzo, Paulo Isidoro, Éder.

Meu pesadelo era um time sem rosto (ou seja, que eu não identificara ainda) que soubesse aguentar a pressão do Brasil e explorar as falhas de sua linha de defesa, especialmente porque os laterais brasileiros (Leandro e Junior) tendiam a se lançar para frente quando o time passava a sentir dificuldades na zona de ataque.

A solução que eu antevia seria colocar Wladimir (do Corinthians) no lugar de Junior na lateral esquerda. Junior era um "lateral ofensivo" que surgira num momento em que os pontas-direita dribladores estavam em franco processo de desaparecimento. Conseqüentemente, Junior podia se lançar bastante para a frente na condição de uma das estrelas do grande time do Flamengo, campeão mundial de clubes em 1981. Nessa época, Wladimir era criticado por atuar mais como zagueiro, indo relativamente pouco para o ataque.

Entretanto, havia um sentimento generalizado pelo país de que ele deveria ser titular, tanto que, depois da copa daquele ano, Wladimir foi eleito para a "Seleção do Povo" pelos leitores do jornal "Zero Hora", de Porto Alegre. "Seleção do Povo" que realizou uma partida amistosa com ele, Wladimir, meu ídolo, um dos maiores jogadores da história do Corinthians, na lateral esquerda.

Em complemento, minha ideia era manter Jorge Mendonça (Palmeiras) e Reinaldo (Atlético Mineiro) no banco como alternativas para variar o jogo durante as partidas, nos lugares, provavelmente, de Paulo Isidoro, Zico ou Serginho "Chulapa". Porém, nenhum dos três (Wladimir, Mendonça e Reinaldo) foi convocado pelo Técnico Telê Santana (1931-2006). Para as posições que estes três ocupariam, foram escolhidos Pedrinho (lateral-esquerdo do Palmeiras), Renato (ponta de lança do São Paulo) e Dirceu, meio campista do Atlético de Madrid. O problema desses três eram que estavam indo para completar o time do reserva (ou seja, eram três ilustres nulidades), ao passo que o perfil dos meus três escolhidos era o de jogadores que ficariam na "cola" dos titulares. A convocação de Renato era especialmente incompreensível: ele era um daqueles atletas que vão bem no clube, mas inexplicavelmente nunca têm desempenho semelhante na Seleção. Para que convocar alguém que já fracassara na Seleção para a reserva de Zico? Medo de que Jorge Mendonça ou Reinaldo viessem a desbancar o "Galinho de Quintino"?

Para goleiro, eu preferia Carlos (então na Ponte Preta) como titular, pela regularidade. Mas, Telê preferiu Valdir Peres (São Paulo), muito em função de sua excelente fase em 1981/1982. Porém, eu achava que Valdir jogava apenas o suficiente para conseguir ser titular num time grande do Brasil: em essência, era um jogador comum, nesse padrão. Sua

ascensão se dera muito em função das excelentes equipes montadas pelo tricolor do Morumbi na década de 1980 que reduziram a pressão que tinha que enfrentar no gol.

Valdir fora o herói da vitória do Brasil sobre a Alemanha, quando tinha defendido duas penalidades máximas. Foi o mesmo Valdir Peres que começou a Copa de 1982, na Espanha, tomando um "frangaço" na difícil vitória do Brasil sobre a União Soviética: 2 x 1. Depois disso, ele claramente se abateu. Não teve culpa nos demais gols que a equipe tomou, não gerou insegurança no resto do time, mas também pouco fez em termos de realizar defesas que afetassem o resultado das partidas de modo identificável. Portanto, falhou mais uma vez: o grande jogador revela-se atuando de forma decisiva em jogos fundamentais.

Meu pesadelo (o do time sem rostos) se materializou no Estádio de Sarriá, em Barcelona: Brasil 2, Itália 3. Não via na Itália, antes do jogo, nada que me assustasse. Errei. A defesa do Brasil falhou nos três gols italianos, especialmente no terceiro quando Junior ficou parado em cima da linha do gol, ao invés de dar dois singelos passos que deixariam Paolo Rossi em impedimento...

Doeu: uma falha que Wladimir provavelmente não cometeria em razão de seu perfil de atuar mais como zagueiro, não como "lateral ofensivo". Que consolo haveria em dizer, para mim mesmo, que eu tinha antevisto esses problemas muito antes de ocorrer?

Editor-responsável: Odilon Gomes Junior
Fone/Fax: 3917.1930
www.folha.com.br

Mas, voltando à infância daquele garotinho muito ligado nas coisas. Com a Copa de 1970, eu tinha aprendido que só haveria sentido em torcer pelo Brasil se estivesse realmente convencido. Mais importante que isso (vejo agora) é que o episódio da Copa me transformou numa das pouquíssimas pessoas no país razoavelmente imunizadas contra a campanha do "pra frente Brasil". Estava tão bombardeado pelas peças de propaganda como qualquer um daquela época. Mas, o episódio de torcer pela Itália nunca me saiu da cabeça nem me parecia irrelevante. Quem disse que futebol é "alienação"?

Eu levava muito a sério a propaganda daquilo que, muito tempo depois, eu me acostumar a chamar de "regime". O futuro "regime" que, quando era pequeno, eu chamava de "governo".

Prestava atenção em tudo que diziam. Com um diferencial: comparava atentamente as notícias e as peças publicitárias de cunho político com o que lia nos livros e em revistas. Ora, em termos estritamente de técnica propagandista, havia um erro básico no discurso do regime autoritário: eles transformavam Cuba e a União Soviética em alternativa ao que existia no Brasil como forma de forçar as pessoas a aceitar o que se passava no nosso país, como bem retrata o slogan "ame ou deixe-o".

Porém, eu estava já "infectado" pela ideia de que deveria haver boas razões para apoiar qualquer coisa que se chamasse "Brasil". É claro que nem tudo entrava neste tipo de raciocínio: continuava a torcer incondicionalmente, mas só pelo Corinthians.

Nessa toada, por volta de dez anos, eu provavelmente não conseguiria explicar quais eram exatamente os problemas do Brasil caso alguém me perguntasse. Mesmo assim, desenvolvi, de alguma maneira, uma forte convicção de que "o país estava mal" e de que "o culpado era o governo". Deste ponto em diante, para me identificar com Cuba e União Soviética, foi natural. E eu era perfeitamente capaz de perceber os problemas reais desses regimes, distintos da mera propaganda capitalista. Essa herança da adolescência ficou para sempre:

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

tornei-me trotskista em meu período de curso de graduação em História na Universidade de São Paulo.

Volto agora aos meus heróis de infância: astronautas e cosmonautas, João XXIII, Robin Hood, Cassius Clay, São Francisco de Assis, mais o Comandante Spock e o Capitão James T. Kirk de "Star Trek".

Dentre todos, os pilotos espaciais eram aqueles que, de imediato, pareciam demandar minha atenção de maneira mais exigente: eles estavam sempre em missões que repentinamente poderiam se mostrar perigosas, e não era por outra razão que havia torres de escape presas aos módulos de comando:

27



Teste do sistema de escape do módulo de pilotagem do *Projeto Apollo*

Fonte:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Sistema_de_escape_no_lan%C3%A7amento - acessado em 25/12/2018

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

No caso dos Estados Unidos, o resgate dos astronautas que retornavam de órbita requeria a mobilização de esquadras de tamanho apreciável e havia todo aquele ritual de helicópteros aproximando-se nas naves tão logo pousassem no mar. Era o momento de mergulhadores saltarem nas águas para desinfetar o exterior dos módulos de comando, abrir suas portinholas e ajudar os tripulantes vindos do espaço a sair para subir nas aeronaves que pairavam acima deles.

Em razão de tantos recursos gastos rotineiramente em procedimentos de segurança (e com tantos acidentes graves ocupando a memória recente de profissionais e do público), fiquei prontamente chocado quando vi as primeiras imagens do Ônibus Espacial: como se fosse um avião comum, o posto de comando não era separável do resto da nave! Não havia, portanto, como acoplar um foguete auxiliar de escape. E não foi adotado nenhum outro sistema de salvamento.

O choque se converteu num calafrio: tive a impressão de que os astronautas estavam condenados à morte.

Certamente, muitos voos poderiam ocorrer sem problemas. Porém, quando houvesse alguma coisa realmente séria, as tripulações entrariam em situação de risco sem salvaguardas previstas em projeto; fato que a sofisticada tecnologia empregada nas missões e o enorme investimento em propaganda não poderiam esconder ou contornar.

Mas, que importância tinha a opinião de uma criança de doze anos num distante bairro de periferia? Só me restava acompanhar os voos com receio, desconfiança e amargura, até que meus piores pressentimentos se confirmaram com as tragédias da *Challenger* (em 1983) e da *Colúmbia* (em 2003). O mais irritante, nos dois casos, é que a cabine de pilotagem não se desfez imediatamente após as explosões, de forma que a solução do posto de comando ejetável teria chances muito razoáveis de salvá-los.

Com o segundo acidente, acabou o glamour midiático. O Ônibus Espacial estava condenado perante todo o mundo enquanto opção tecnológica (fato previsível desde a fase de projetos). Com o fim dos voos em julho de 2011, os Estados Unidos viram-se na situação, antes impensável, de simplesmente não possuir nenhum lançador de carga para o espaço. Daí em diante, foi preciso recorrer à humilhante alternativa de mandar suprimentos e tripulantes americanos para a Estação Espacial Internacional por meio dos velhos e confiáveis equipamentos russos, lançados do Cosmódromo de Baikonur, Cazaquistão, de onde o grande Gagarin subira aos céus para ver que “a Terra é azul”. Somente meia década depois é que lançamentos voltaram a ocorrer em Cabo Canaveral, Flórida, por conta do trabalho da companhia americana SpaceX com seus foguetes “Falcon”.



Tripulação da *Challenger* morta no acidente de 1983. Fileira da frente: **Michael J. Smith**, **Dick Scobee** (Comandante), **Ronald McNair**. Atrás: **Ellison Onizuka**, **Christa McAuliffe**, **Gregory Jarvis**, **Judith Resnik**.

Fonte (acessada em 03/01/2018):
https://en.wikipedia.org/wiki/Space_Shuttle_Challenger_disaster#/media/File:Challenger_flight_51-L_crew.jpg

Na revisão deste texto, finalmente juntei forças para enfrentar uma lembrança traumática de infância: o que exatamente ocorrera com o cosmonauta Vladimir Komarov? Por toda a vida, sempre tinha me esquivado de procurar saber.

Em síntese, 1967 era o 50º aniversário da Revolução de Outubro. Leonid Brejnev (1906-1982), então o principal líder soviético, queria lançar a qualquer custo uma missão ao espaço para produzir um evento que pudesse ser inserido no calendário oficial de comemorações. Gagarin entrou em cena para entregar um relatório de dez páginas à KGB, mas destinado a Brejnev, com inúmeros apontamentos de falhas estruturais na nave que seria utilizada. Mesmo confrontada pelo seu principal piloto, a direção soviética se manteve inflexível, punindo com demissão e exílio na Sibéria quem manifestasse apoio a Gagarin dentro da estrutura de poder. Nessas condições, só restou a Komarov a atitude de amaldiçoar seus superiores enquanto ocupava seu lugar na nave "Soyuz 1", uma vez que inexistiam dúvidas de que estava sendo mandado para a morte. Por fim, quando os paraquedas da nave não abriram durante a manobra de reentrada na atmosfera, o bravo cosmonauta nada mais

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

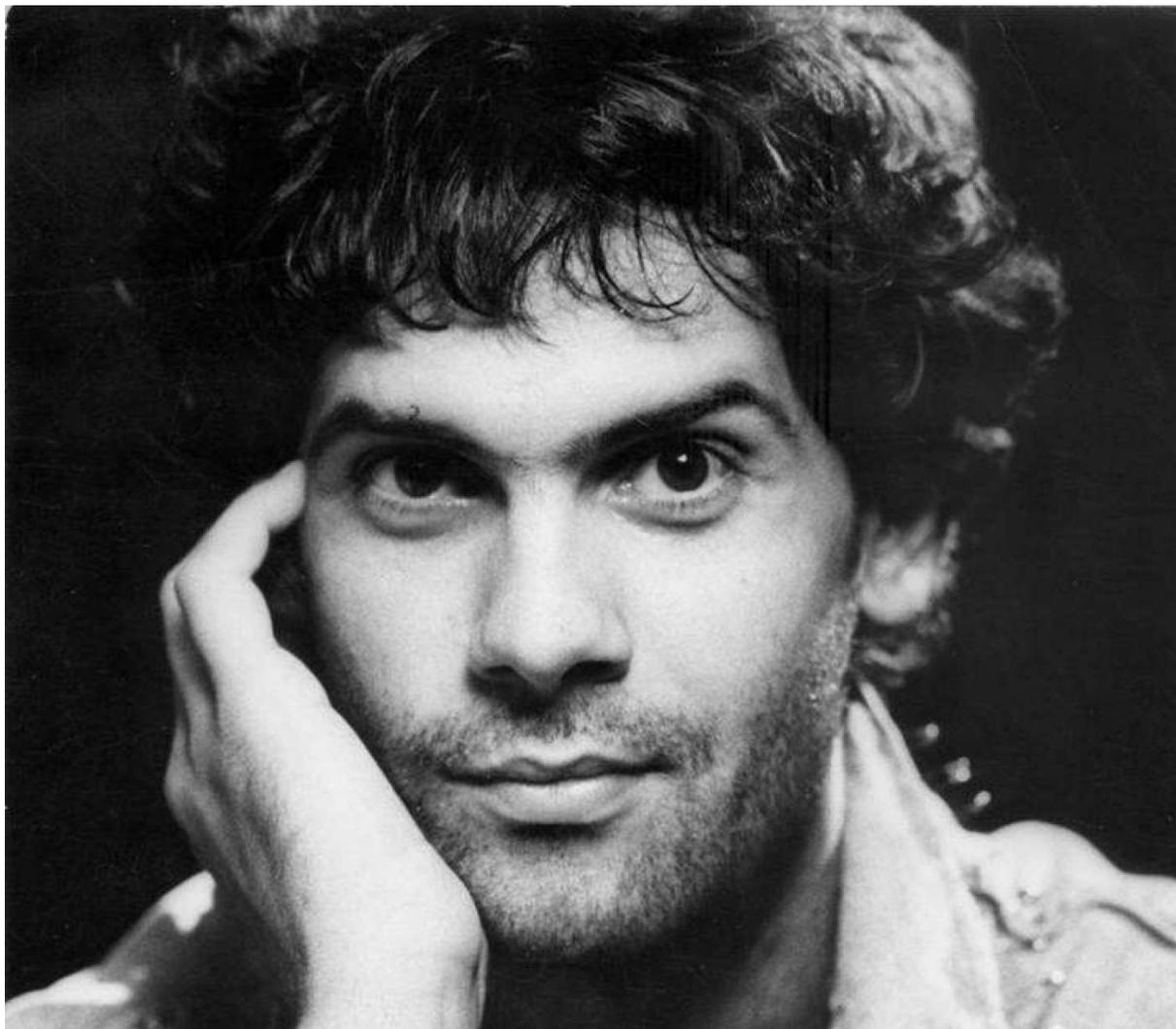
www.historiadorelciosiqueira.com.br/

podia fazer senão chorar junto com o pessoal em terra, enquanto o chão crescia à frente de seus olhos.

Houve, entretanto, um derradeiro lance. Meses depois, Gagarin e Brejnev finalmente se encontraram por uns poucos momentos, corajosamente usados pelo cosmonauta para jogar o conteúdo de seu copo na cara do Secretário Geral do Partido...

Talvez pouco, talvez inútil, por certo nada que compensasse a morte do valoroso camarada Komarov. Mas, dentro de mim, aquele garotinho de sete/oito anos vibrou com mais este gesto de bravura e dignidade de seu querido herói, frequentador das estrelas!

30



Fonte: <https://medium.com/todo-tanto/carta-a-cazuza-60-anos-do-poeta-2dbb28fa5537> acessada em 03/01/2019

Os heróis de outra pessoa que é referencial de vida para mim, o meu querido Cazuza (1958-1990, foto acima), morreram de overdose. De minha parte, perdi muitos dos meus ídolos, astronautas e cosmonautas, em arriscadas missões no estrito cumprimento do dever. Mesmo quando colheram fracassos decorrentes de orientações superiores erradas (casos de Komarov e dos tripulantes da *Challenger*) seu destemor e sua generosa dedicação - reconhecidos por toda a opinião pública - funcionaram como exemplos mobilizadores de reservas de energia moral que viriam a impulsionar mudanças profundas na sequência.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

De maneira semelhante, a Medalha de Bronze da Seleção Brasileira Feminina de Basquete em 1971 criou as condições para que as meninas dessa modalidade conquistassem o país e o mundo sob o comando das rainhas Hortência e Paula, da mesma forma que a *Seleção de Prata* abriu o caminho para que o vôlei do Brasil se tornasse o melhor e mais vitorioso de todo o planeta.



Superstars do Basquete: Paula (esquerda) e Hortência.

Fontes (acessadas em 03/01/2019):

<https://www.lance.com.br/rio2016/magic-paula-diz-que-nunca-aceitaria-trabalhar-cbb.html>

<http://www.arearestritiva.com.br/biografia-hortencia-marcaric/>

Aprender a encarar as derrotas com dignidade, portanto, foi a lição fundamental que astronautas, cosmonautas e muitos desportistas me ensinaram desde criança. Perder jogando limpo para quem realmente se mostrou melhor na ocasião. Perder sem depois recorrer a subterfúgios para se explicar. Perder encarando a verdade de frente para, depois, poder vencer com legitimidade.

Perder sem recorrer a subterfúgios como culpar a arbitragem **sabendo** que não houve erros ou tendo perfeita consciência de que eventuais falhas dos árbitros não tinham sido determinantes para a derrota. Ou como reclamar dos árbitros como forma de pressioná-los para que **roubem em favor da equipe com a qual nos identificamos** ou ainda: inventar histórias conspiracionistas de favorecimento para não reconhecer que o adversário venceu essencialmente em decorrência de seus próprios méritos e da incompetência alheia.

Sempre houve relação entre essa atitude e a de determinados partidos e candidatos que, em período eleitoral, não reconheceram vitórias limpas de seus adversários ou que afirmam que o resultado só será legítimo se ganharem. Com frequência, são os mesmos que depois são pegos cometendo as fraudes que atribuem aos adversários.

Trata-se da repetição, na escala maior da sociedade, da atitude daqueles garotos que, quando estão perdendo, primeiro cometem faltas violentas. Depois, se continuam atrás do placar em razão de sua própria incapacidade, tomam a bola do jogo e vão embora. Quando ocorre a tragédia de se tornarem atletas profissionais, esses mesmos garotos, na fase adulta - de maneira totalmente consciente - **falam as mentiras que sua torcida quer ouvir** para não ter que "dar o braço a torcer".

Portanto, o que políticos desonestos, trambiqueiros e maus perdedores (enfim, antidemocráticos) fizeram em período recente da história brasileira foi tão somente apelar para a cultura de trapacear e de mentir conscientemente em eventos desportivos, muito enraizada em amplos setores da sociedade brasileira.

Assim, o esporte (incluindo atletas e torcedores neste conceito) revela-se uma síntese da vida social. O ponto básico é que os seres humanos, em sociedade, parecem, por natureza, conjugar os extremos da fraternidade e da solidariedade com tendências opostas no sentido do particularismo, da agressividade e da desconfiança em relação a todos que consideram estranhos. Nesse contexto, há um parentesco evidente do esporte com a política na medida em que ambos se constituem em maneiras ritualizadas (em princípio, não mortais), de dar vazão aos conflitos. Igualmente evidente, portanto, é a similaridade do *fair play* com o Estado de Direito e com a democracia no campo político.

Portanto, a construção de uma convivência baseada no respeito às "regras do jogo limpo" é condição básica para a existência de vida civilizada dentro e fora dos estádios.

Outro aspecto a ressaltar ficou evidenciado após a derrota da Seleção Brasileira de Futebol de 1982 que ensejou o suposto realismo de vencer com base num jogo feio e burocrático, cujo melhor exemplo é o time do Brasil campeão do mundo em 1994, na Copa dos Estados Unidos.

Uma equipe horrorosa, vencedora, em termos técnicos, do pior campeonato mundial de seleções desde a primeira Copa do Mundo, realizada em 1930 no Uruguai. De 1982 até pouco depois de 1998 (vice-campeonato na Copa da França), foram cerca de duas décadas com a grande mídia brasileira vendendo como "o melhor do mundo" um padrão de jogo horrível.

A relação com a política em sociedade, mais uma vez, é evidente, pois o pensamento conservador vive de um suposto realismo que opta pelo ruim e pelo menos pior, relegando as boas soluções para o campo das utopias de impossível realização. Futebol burocrático, governo FHC, economistas neoliberais, Rede Globo: tudo a ver!

Ressalto que não posso falar em nome do meu clube de coração nem pelos demais corinthianos. Em todo caso, passei pela experiência de aprender a perder durante aquele longo período de vinte e três anos (1954-1977) sem títulos. Exemplificarei.

1974: 11 anos. Como a maioria dos corinthianos na época, nunca tinha visto meu time ostentar a faixa de campeão. Naquele ano, o clube chegou à partida final na sequência de uma campanha muito convincente. Era "o time" do momento, cuja vitória era dada como certa por todo mundo: de jornalistas esportivos a torcedores de todas as colorações. Tanto que, para o jogo final no Estádio do Morumbi, vieram mais de 120.000 pessoas, praticamente todos alvinegros. Pouquíssimos palmeirenses além do time e dos membros da comissão técnica. Até que...

Não aconteceu!

De casa, vi o mesmo que as pessoas no Morumbi. Sem explicação possível, a equipe do Parque São Jorge simplesmente não jogou nada. Até que a bola chegou para Ronaldo que fez 1 x 0 para o Verdão. Mesmo com o placar adverso, o Corinthians seguiu apático até o árbitro apitar o fim do jogo. Nesse momento, o time e a torcida do Palmeiras campeão não pareciam ter compreendido o que acontecera. Estranhamente, os torcedores das demais torcidas também não vieram satirizar os derrotados pela chegada dos vinte anos sem título: aparentemente, estavam todos igualmente aturdidos.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

A nota triste é que Roberto Rivellino (1949), seríssimo candidato a maior atleta da história do clube, foi acusado, depois do jogo, de ter sido o responsável pela derrota. Ainda que não houvesse nenhuma base fática para tais acusações, o clima criado entre os torcedores tornou-se tão ruim que ele se transferiu para o Fluminense, do Rio de Janeiro, deixando uma chaga que demorou muitos anos para sanar.



Folha X - Jornal do Brasil
Ano 9 - nº 194 - O
Editor responsável
Fone/Fax: 3917.1830
www.folha.com.br
Esta edição foi produzida e
sua publicação foi em 09/05/2019

1974. Ronaldo marca na final: Palmeiras 1 x Corinthians 0

Fonte (acessada em 03/01/2019):

<https://efemeridesdoefemello.com/2014/12/22/palmeiras-cala-o-morumbi-corintiano-e-conquista-o-campeonato-paulista/>



1976: 70.000 corintianos invadem o Maracanã. Timão se classifica para a final do campeonato!

Fonte (acessada em 04/01/2019):

<https://blogmittonneves.bol.uol.com.br/blog/2016/12/05/invasao-corintiana-no-maracana-completa-40-anos-havera-algo-parecido-na-historia-do-futebol/>

CAMPEÃO BRASILEIRO SÉRIE A 1976



INTERNACIONAL

O JOGO DO TÍTULO:
INTERNACIONAL 2x0 CORINTHIANS (12/12/1976 - BEIRA-RIO - PORTO ALEGRE/RS)

EM PÉ: MANGA, CLÁUDIO,
FIGUEROA, VACARIA,
MARINHO E FALCÃO.
AGACHADOS: VALDOMIRO,
JAIR, DARIO,
ÇAÇAPAVA E LULA.

Internacional, Campeão Brasileiro de 1976

Fonte (acessada em 03/01/2019):

<https://edicaodoscampeoes.blogspot.com/2017/12/internacional-campeao-brasileiro-1976.html>

O grande evento desse torneio, em 1976, foi a surpreendente e totalmente inesperada invasão de torcedores do Corinthians do Maracanã. Nada foi articulado. A torcida apenas se dirigiu em massa para o Rio de Janeiro de forma espontânea. Deu certo: no tempo normal, empate em 1 x 1 entre Fluminense e Corinthians com o estádio dividido meio a meio num público total de mais de 140 mil torcedores. A classificação do alvinegro veio nas disputas de pênaltis.

Para a final de Porto Alegre (um único jogo, sem partida de ida), o clube e a torcida do Internacional se mobilizaram para que não houvesse outra leva em massa de torcedores corintianos. No dia, bombeiros tiveram que usar mangueiras para jogar água para os torcedores corintianos que estavam sofrendo com o terrível calor. Durante a partida, a Brigada Militar entrou em choque com torcedores visitantes, interrompendo o jogo e criando uma situação que quase levou à paralisação da partida por falta de segurança. "Segurança", aquele negócio que a polícia e as autoridades deveriam saber garantir.

No jogo em si, o Inter fez 1 x 0, gol de Dario: ele, *Dadá Maravilha Peito de Aço, o Rei Dadá*, o homem que ficava parado no ar como uma beija-flor quando cabeceava a bola, integrante do elenco do Brasil campeão na Copa de 1970. Ficou nisso por um bom tempo até que, numa cobrança de falta do Internacional, a bola bateu talvez um palmo dentro do gol do Corinthians (passando totalmente), e voltou para as mãos do goleiro alvinegro,

Tobias. Interrupção e mais polêmica.

Mas, foi gol? Quem prontamente acusou que sim foi um dos árbitros auxiliares ("bandeirinhas") que correu para o centro do campo sinalizando marcação do tento. Todos que assistiam pela televisão puderam ver que foi. Na longa interrupção que se seguiu, o fato é que a arbitragem foi informada de que os videoteipes da mídia televisiva confirmavam o gol de maneira indiscutível. O problema é que, na época, qualquer norma relativa ao uso de imagens de TV não tinha o peso que depois assumiria em anos recentes: imagens gravadas não eram, então, um recurso que pudesse, de fato, ser disponibilizado de modo prático e rápido para os árbitros de futebol. Portanto, eventuais orientações para não as usar não tinham o peso de coisas que pudessem efetivamente ocorrer no contexto das reais condições de trabalho da arbitragem.

Enquanto isso, nesta altura dos acontecimentos, o gramado estava invadido por repórteres e a Brigada Militar não conseguia controlar a situação. O que ocorreria? As duas torcidas invadiriam o gramado também? Mais tumulto à vista?

Todos olharam para Zé Maria, Capitão do Corinthians: o time iria se retirar de campo diante da falta de segurança no estádio? Hesitação.... Alguns jogadores do time visitante esboçaram o movimento ir embora. Mas, o fato é que a direção alvinegra aceitou a evidência documentada pela TV. O clima de tumulto desmanchou-se. A partida pôde, então, prosseguir. Sem mais ocorrências, o fim do jogo confirmou a vitória e o título do Internacional.

Foi uma partida disputada dentro da normalidade? Absolutamente, não! O Internacional jogou melhor? Bem, em meio a toda essa bagunça, sim. O melhor de tudo foi a atitude da torcida corintiana ao final do jogo: fomos comemorar o vice-campeonato em Porto Alegre e nas ruas de São Paulo, em massa! Algo que -até onde sei - não tinha precedentes na história do futebol brasileiro. Sem inventar histórias de "jogo roubado", "esquema", etc. Acima de tudo, sem nos deixar abater psicologicamente.

Clube e torcida voltaram para casa para, no ano seguinte, quebrar o tabu de não conquistar títulos. Daí em diante, foi uma sequência de vitórias extraordinárias, cujos pontos altos seriam as conquistas da Libertadores, a construção do Estádio e o Bicampeonato Mundial, fora da pauta dessas memórias.

Só um pouquinho de pirraça porque, também, "ninguém é de ferro": num caso semelhante ao do Corinthians na final do campeonato brasileiro de 1976. o Palmeiras perdeu a final do campeonato paulista de 2018 dentro de seu estádio e para o mesmo Corinthians.

No tempo normal, o resultado de 1 x 0 para o Corinthians levou a disputa para os pênaltis. Nesta etapa, dois erros de jogadores do Palmeiras resultaram num placar de 4 x 3 para o alvinegro do Parque São Jorge.

Tão logo a cobrança final confirmou o título do Corinthians, os jogadores, a comissão técnica e a diretoria do Palmeiras imediatamente começam a protestar em altos brados contra um lance ocorrido durante o período de bola correndo: o momento quando, depois de marcar um pênalti para o alviverde, o árbitro tinha voltado atrás porque um dos "bandeirinhas" tinham se aproximado e lhe dito que não ocorrera a falta em questão.

Problema número 01: os jogadores do Palmeiras que tinham errado as cobranças de pênalti eram agora os líderes do protesto...

Problema número 02: todos que viram o lance pela televisão (ou que o revejam agora, pela Internet) sabem perfeitamente que o lance em foco não foi pênalti.

Problema número 03: a alegação é que o Palmeiras teria sido "roubado" porque a arbitragem teria consultado imagens de televisão, recurso que o regulamento proíbe.

Problema número 04: o momento e a maneira como a equipe de arbitragem (árbitro principal, os dois "bandeirinhas" e o quarto árbitro) teria consultado as imagens de TV. Esta se constitui na parte mais fantasiosa e de mais improvável comprovação da divertida história que os palmeirenses vêm tentando sustentar desde então. Simplesmente, as imagens do "bandeirinha" aproximando-se do árbitro principal e de toda a sequência não são compatíveis com esta história. Ele está na lateral do campo e, a certa altura, dirige-se ao árbitro principal. Bem, talvez ele portasse um fone oculto no ouvido pelo qual teria recebido a informação do quarto árbitro. Sim. Mas, tendo chegado a esse nível de nonsense, a argumentação perde sentido e lógica.

A base dessa narrativa pauta-se numa nova versão do conceito de "roubar" em futebol que tinha aparecido no Brasil no final do campeonato brasileiro de 2017, num jogo entre "grandes" do Rio de Janeiro. Até então, "roubo" era quando um árbitro marcava uma falta ou outra infração (como impedimento) quando não tinha ocorrido, ou quando deixava de assinalar algo que, de fato, acontecera.

"Roubo", na nova versão, não se refere ao mérito intrínseco do lance. No caso em pauta, ninguém afirma que foi pênalti: o lance visto pela TV demonstra de maneira indiscutível que não foi. O "roubo" consistiria em reverter uma marcação errada através de um recurso proibido em regulamento: as mesmas imagens televisivas que mostram que a reversão, no mérito, estava certa...

Pois, então, imagine se o Corinthians tivesse adotado esta postura na final de 1976 em Porto Alegre: à primeira vista, havia bases razoáveis para pedir a anulação da partida sob alegações de falta de segurança e de uso de recursos não permitidos pela arbitragem. No entanto, no mérito, os fatos eram que o segundo gol fora legítimo e que o Corinthians não apresentara um jogo melhor naquela ocasião. Teria sido obrigatório mobilizar a torcida para defender a história do "esquema" para dar o título para o Internacional, numa época em que os estádios de futebol, em todo o mundo, tinham sérios problemas para comportar o público frequentador. Tanto que, em anos posteriores, a FIFA impôs um padrão que reduziu a capacidade das arenas pela metade. Estádio, portanto, era um negócio inseguro por definição: parar o jogo por causa disso, em face das ocorrências em Porto Alegre, provavelmente seria entendido com argumentação fraca. Como fraco era o argumento do uso indevido de imagens de TV em 1976, pelas razões já explicadas.

Os videoteipes mostram que a direção alvinegra quase mandou o time se retirar do campo. Mas, por um triz, o discernimento se impôs. Em consequência, nós, corintianos, não entramos numa batalha perdida. Ao invés de nos aborrecer, fomos comemorar o vice do Brasil, fazendo os outros torcedores ficarem vendo, surpresos, a alegria de uma galera que estava há vinte e dois anos na "fila" para conquistar títulos e que tinha acabado de perder mais um campeonato...

Algo, sem dúvida, mais divertido do que ganhar a qualquer preço e de qualquer forma. Não poderia ser diferente, pois, como todos sabem, futebol é apenas um jogo!

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Depois do agitado ano de 1976, como já indiquei, caiu o tabu de vinte e três anos sem títulos:



À esquerda: Basílio comemora o gol do título de 1977: Corinthians 1 x Ponte Preta 0.
À direita: meu filho Heitor com a camiseta que eu usei durante o jogo do fim do tabu.



O time do jogo final. Em pé (da esquerda para a direita): Zé Maria, Tobias, Moisés, Russo, Ademir e Vladimir. Agachados: Vaguinho, Basílio, Geraldo, Luciano e Romeu. Técnico: Osvaldo Brandão.

Fonte (acessada em 08/01/2019): <http://fanatismo.blogspot.com/2011/04/campeao-paulista-de-1977-o-fim-do-jeum.html>

A Biblioteca Municipal de Perus, onde peguei os livros nos quais descobri o mundo, é um lugar que sempre lembrarei com carinho. A biblioteca foi muito útil para que navegações espaciais e Ciências Exatas não saíssem de meu horizonte depois do Projeto Apollo, seja acompanhando os diversos projetos de pesquisa interplanetária, seja pela sci-fiction. Na Biblioteca, eu pegava livros de Isaac Asimov, provavelmente o autor que melhor conheço. Em casa, eu via "Star Trek" e outros títulos. No cinema, assisti "Uma Nova Esperança" em 1977 e, depois, todos os outros filmes de "Star Wars". Mais recentemente, H. G. Wells (1866-1946) tornou-se uma referência fundamental para mim. O grande escritor argentino Jorge Luis Borges (1899-1986) considera que Wells é o verdadeiro criador da ficção científica, e se lamenta por uma frustração: Borges anotou que teria apreciado melhor a obra de Wells se a tivesse conhecido não na juventude, mas em sua fase de maturidade intelectual. Tive este privilégio e - tendo lido em tempo o lamento de Borges - procurei aproveitar a oportunidade da qual o mestre argentino fora privado.

Também dos anos de ginásio, vem o costume de ler livros e de revistas de divulgação científica para me manter razoavelmente a par do progresso da Ciência nas vitais áreas de Biologia, Antropologia, Física, Astrofísica e Cosmologia.

Contudo, não demorou para me deparar com uma dificuldade insanável com o raciocínio matemático. Consequentemente, precisei "descer das estrelas" e me dedicar a uma matéria com a qual descobri uma enorme afinidade: História, aqui embaixo na Terra, na realidade que tanto me incomodava. A biblioteca municipal novamente me ajudou, pois lá havia uma infinidade de manuais de História para cursos em ginásio e colégios. Livros velhos, há muito tempo fora de uso nas escolas, mas todos fascinantes. Egito, Grécia e Roma antigas me cativaram de imediato tanto quanto História Moderna e Medieval.

Foi nesses livros que descobri (antes de tomar contato com o marxismo) que a História é movida essencialmente por conflitos. E foram as guerras, que prontamente compreendi como convergências de conflitos das mais diversas ordens, que me fizeram procurar livros de História com renovada paixão.

No meio deles, achei "O Grande Circo", a autobiografia de Pierre Clostermann (1921-2006), curitibano filho de pais franceses que se tornou o maior piloto da aviação de caça dos Franceses Livres na Segunda Guerra Mundial, e meu herói da adolescência. E, na mesma biblioteca municipal, encontrei outro grande acervo de obras autobiográficas de pilotos aliados e alemães da II Guerra Mundial. A partir daí, iniciei uma série infindável de leituras de História Militar que se estende aos dias de hoje.

Uma decisão foi tomada aos 14/15 anos: iria fazer pós-graduação em História! Quando alguém retrucava que, antes, era preciso graduar-me, eu respondia que, "claro, entendo". Mas, o que eu queria mesmo era a pós!

Antes disso, em algum momento entre os dez e quatorze anos, aprendi o que vem a ser movimento social (termo somente incorporado ao meu léxico mais tarde, na Universidade) acompanhando pela TV a resistência palestina. E as guerras sociais que, nessa época, acompanhei pela TV e por jornais (as Revoluções Angolana, Moçambicana, Sandinista e Iraniana) foram da maior importância para desenvolver minha sensibilidade para problemas sociais, igualmente adestrada nesse período pelo retorno das manifestações de rua com os protestos estudantis no Brasil a partir de 1976 que seriam ofuscados dois anos depois com a espetacular retomada do sindicalismo operário na política nacional a partir dos Metalúrgicos

do ABC e de São Paulo.

A ordem dos fatores é aqui importante. Quando o chamado Sindicalismo Autêntico se tornou uma das balizas da política no Brasil, o Movimento Estudantil já se consolidara, em minha consciência, como a via preferencial de enfrentamento ao regime autoritário. De tal maneira que, ao ser aprovado para o curso de História da FFLCH/USP, o sentimento que me dominava era de que, na verdade, estava concorrendo a uma vaga na União Nacional dos Estudantes.

A militância no movimento estudantil (que chamávamos de "ME") transformou-me basicamente na pessoa que sou até hoje. Em diversos aspectos, o ME foi mais importante para minha formação do que as aulas na Universidade.

Em especial, somente depois que me tornei militante do movimento estudantil é que encontrei formas de intervir nos movimentos sociais de meu próprio bairro. A ação pioneira foi o Movimento pelas Diretas Já (1984), quando tinha já vinte e um anos. Tenho orgulho de lembrar que estive entre os ativistas que lideraram essa luta em Perus.

O meu "retorno" a Perus ocorreu num momento em que a maioria ou todas as influências e acontecimentos relatados no presente texto estavam já razoavelmente bem amalgamadas num conjunto com certa coerência. Cabe, portanto, considerá-lo um momento de ruptura em minha trajetória pessoal.

Nessa altura (1984-1988), o fechamento da Fábrica de Cimento e da Estrada de Ferro Perus-Pirapora colocou em pauta uma demanda nova para os movimentos sociais: a defesa do Patrimônio Cultural materializado nas instalações industriais e na ferrovia. Em outras palavras, a necessidade de salvar o que se pudesse de uma realidade que estava desabando, cuja destruição nos convertia todos em órfãos; sentimento que o sucesso do movimento preservacionista em Perus/Cajamar comprovou ser amplamente partilhado.

O processo de tombamento da Perus-Pirapora – iniciado no CONDEPHAAT por proposta da Associação Brasileira de Preservação Ferroviária (ABPF) em 1980 em razão de se constituir no maior e mais diversificado acervo de ferrovia em bitola estreita (60 cm) do país – resultou na aprovação de parecer favorável à medida pelo plenário do Conselho em julho de 1984. Foi um grande passo. Mas, ainda faltava a sanção definitiva por parte do Secretário de Estado da Cultura, o que ensejou contínuas pressões em prol da aprovação da medida por lideranças de Cajamar. A edição da medida em 1987, no entanto, apresentou um problema: o decreto não relaciona os bens que compõem o acervo nem estabelece diretrizes para o uso e ocupação da faixa envoltória prevista em legislação, lacunas que, de fato, reduzem muito sua eficácia.

Em relação à Fábrica de Cimento, a solução encontrada pelo sindicato e entidades próximas foi solicitar tombamento ao CONPRESP, equivalente paulistano do CONDEPHAAT, tão logo se iniciou nova gestão na Prefeitura de São Paulo, em 1989. Aceito o pedido de abertura de processo, os trabalhos transcorreram sem dificuldades dignas de nota até a aprovação da medida. Ficava em aberto o que fazer em relação à Perus-Pirapora cuja parcela mais significativa de seu acervo localizava-se em Cajamar; tudo em patente processo de degradação.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Foi quando, a partir de 1989 (26 anos), assim que me formei na faculdade, participei de um trabalho específico junto às comunidades de Perus e de Cajamar no sentido de sensibilizá-las para a necessidade de instituir um movimento social específico em defesa da Estrada de Ferro Perus-Pirapora na perspectiva de criar condições políticas para a revitalização com vistas ao turismo cultural e ecológico.

Essa discussão fora feita dentro do Centro Cultural Ajuá-Perus, entidade popular que tivera um período anterior (1984-1987) no qual sua atividade principal fora a realização de shows em praça pública de bandas e cantores da região de Perus/Pirituba. A estrutura (palco e aparelhagem de som) era fornecida pela Prefeitura de São Paulo. Com a vitória de Jânio Quadros (1917-1992) nas eleições municipais de 1985, o Centro Cultural foi forçado a organizar uma mobilização em defesa da Biblioteca de Perus, em cujo piso superior Jânio pretendia instalar a nova Administração Regional. A mesma coisa tinha acontecido, em gestões anteriores, com a Biblioteca de Pirituba que fora privada de parte essencial de suas instalações para a implantação da Administração Regional correspondente. Contra isso, em Perus, o Centro Cultural foi vitorioso: a campanha ganhou enorme adesão nas escolas e no restante da comunidade, pois se tratava nada mais, nada menos, do que a BIJ (Biblioteca Infanto-Juvenil) de maior movimentação de usuários dentre todas do Município. O preço da vitória foi que, sem apoio da Prefeitura, os shows não puderam prosseguir até que a entidade paralisou atividades em 1987.

Em 1989, o grupo retomou atividades, e a primeira discussão importante foi a de que, antes de realizar novas atividades, deveríamos primeiro definir um projeto de trabalho. Esse debate ficou registrado num documento que escrevi nessa altura que refletia, mais ou menos, o debate então havido.

Em síntese, eu escrevi que a luta em defesa da ferrovia integrava a defesa de um projeto de desenvolvimento focado na defesa do patrimônio cultural de Perus: Fábrica de Cimento (prédio principal e conjunto arquitetônico), Estrada de Ferro Perus-Pirapora e Parque Anhanguera. O texto incorporava antiga ideia do sindicalismo local - apresentada no Centro Cultural pelo saudoso amigo e mentor, João Breno Pinto (1932-2002), liderança histórica dos “queixadas” junto com o Dr. Mário Carvalho de Jesus – de transformar a Fábrica de Cimento num Centro Cultural. As instalações principais seriam revitalizadas como espaço dedicado a atividades culturais e de lazer ao estilo do realizado no SESC-Fábrica Pompeia. A nova Fábrica (projeto cujo perfil o grupo não discutiu em detalhes) teria seu funcionamento associado à Perus-Pirapora e ao Parque Anhanguera que, por sua vez, deveria ser reequacionado com área de preservação ambiental para que, de maneira apropriada, oferecesse novas opções de lazer para além do setor aberto ao público naquela época. Esperava-se, assim, transformar Perus num novo polo de turismo cultural e ecológico. Era uma antecipação daquilo que, na primeira década de 2000, ganharia o nome de “Três Eixos de Perus”.

No começo de 1992, as lideranças que articulavam essas ações (reunidas primeiro no Centro Cultural Ajuá-Perus e, depois desse ano, na Regional Perus-Cajamar da ABPF) concluíram que todas as iniciativas possíveis no âmbito político já tinham sido tomadas, não havendo mais dúvidas de que as populações de Perus e de Cajamar tinham sido convencidas da justeza da proposta de recuperar a ferrovia.

Um dos melhores indicadores da simpatia popular pelo projeto fora um estudo que o próprio Grupo Abdalla mandara divulgar no final de 1991, propondo a criação de uma fundação de nome Antonio João Abdalla que reativaria a ferrovia para o turismo em parceria

com a Prefeitura ou com o Governo do Estado. O pequeno grupo de ativistas em prol da revitalização da Estrada de Ferro fora consultado nessa época; mas sem, na verdade, se estabelecer compromisso de qualquer tipo. À parte disso, passamos pelo constrangimento de ver diversas propostas de nossa autoria incorporadas ao documento da empresa. Nos bastidores, corria o boato de que projeto de Abdalla visaria, no fundo, estabelecer uma negociação que evitasse o tombamento da Fábrica de Cimento e do conjunto urbano em seu entorno pela Secretaria Municipal de Cultura. Antes que qualquer iniciativa nesse sentido pudesse vir para a cena política, o sindicato de Perus e amplo leque de entidades sob direção do Dr. Mario Carvalho de Jesus (naquela que seria sua última iniciativa política relevante em vida) uniram-se para lançar um movimento pela desapropriação da Fábrica de Cimento para ali criar um Centro de Cultura Operária.

O título do projeto que se realizaria não era aspecto de menor importância, pois os velhos “queixadas” manifestaram grande incômodo em face da possibilidade de o nome do patrão perpetuar-se na fábrica que tanto amavam. O resultado imediato foi a edição de um decreto municipal que declarou a área em torno da Fábrica de Cimento de utilidade pública para fins de desapropriação. Como a Prefeitura não dispunha de recursos para efetivar a medida (cuja vigência caducaria anos depois por decurso de prazo), o único efeito prático foi tornar impossível qualquer iniciativa de negociação; o que não era visto como problema pelos proponentes da medida, pois, conforme declararam publicamente, a Perus-Pirapora era a “migalha” oferecida pelo empresário para manter a Fábrica de Cimento. Essa história seria retomada durante a gestão Marta Suplicy (2001-2004), quando o Grupo Abdalla apresentou proposta de doar as instalações da Fábrica para que fosse constituído um Centro Cultural pela Prefeitura que teria o nome da família doadora. Em contrapartida, seriam liberadas das restrições de tombamento os terrenos próximos, de grande interesse para o mercado imobiliário, nos quais seriam construídos prédios no padrão de classe média remediada, com linhas arquitetônicas compatíveis com as do Centro Cultural. A proposta despertou a mesma rejeição do projeto de 1991 numa escala maior. A luta pela desapropriação da Fábrica para constituição de um Centro Cultural prossegue hoje como um movimento específico.

Voltando ao começo de 1992, o grupo de ativistas focados na revitalização da ferrovia sentiu-se na obrigação de apresentar um projeto próprio para a Estrada de Ferro. Por outro lado, persistia o problema de que os técnicos do CONDEPHAAT tinham iniciado levantamento visando à regulamentação do tombamento, mas a continuidade dos trabalhos era sempre dificultada não por falta de sensibilidade ou de boa vontade; mas, pela escassez de material humano. No entanto, já havia se estabelecido um longo histórico de colaboração entre técnicos do CONDEPHAAT e entidades civis, como a ABPF e a APMF (Associação de Preservação da Memória Ferroviária) para que o processo de tombamento da Perus-Pirapora pudesse ter chegado ao ponto em que estava.

Diante disso, no começo de 1992, a decisão dos ativistas preocupados com a Perus-Pirapora foi de desativar as ações de mobilização popular. Os esforços foram concentrados no levantamento patrimonial da ferrovia e em estudos da realidade física e social em torno da estrada de ferro com o objetivo de identificar como a revitalização poderia contribuir para o desenvolvimento sustentável da região. Foram três anos de trabalho com um grupo técnico voluntário pequeno, sem ajuda material de qualquer natureza, tomando por base estudos da EMLASA e do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), entidades que acumularam um respeitável acervo de estudos técnicos a respeito da região de Perus e de Cajamar como resultado de três circunstâncias:

- (I) - a própria extensão das ocorrências minerais de Cajamar e do vizinho Município de Caieiras (ambos limítrofes de Perus). Nas três localidades, temos calcário e granito, dois tipos de rocha cuja exploração realiza-se na superfície, em pedreiras ou cavas, com amplos impactos na ambiência que levaram a EMPLASA a desdobrar o Plano Diretor de Mineração da Região Metropolitana de São Paulo em Planos de Mineração específicos para Caieiras e Cajamar com o objetivo de compatibilizar essa atividade com o crescimento urbano e com a preservação ambiental;

- (II) – A transformação do Município de Cajamar em Área de Proteção Ambiental (APA), por meio de lei votada pela da Assembleia Legislativa em 1984, o que levou a EMPLASA a desenvolver uma nova leva de excelentes estudos sobre o Município;

- (III) – A ocorrência do fenômeno do “buraco” de Cajamar em 1986. Nesse ano, uma área do Centro de Cajamar (próxima à pedreira de calcário que, por décadas, alimentara a Fábrica de Cimento, em Perus), simplesmente começou a afundar, formando uma cratera na qual viriam a despencar diversas edificações. Técnicos do IPT e da EMPLASA identificaram como causa a excessiva extração de água por uma indústria próxima através de um poço artesiano que drenava cavernas em grandes profundidades, ocorrências típicas de solos de base calcário. Em vista da possibilidade de eventualmente ser preciso transferir a população diretamente afetada, a EMPLASA impulsionou a elaboração do “Projeto Cajamar”, primoroso estudo em cinquenta volumes da realidade social e ambiental da cidade.

Como os trilhos da Perus-Pirapora correm basicamente no centro da área formada pela sobreposição dos perímetros escrutinados por tais estudos, foi possível demonstrar com grande consistência que as legislações que se encarregam da proteção ambiental e da estruturação do desenvolvimento urbano já impunham limitações ao uso e ocupação nas terras próximas à ferrovia que tinham o efeito prático de protegê-la: a via está implantada a não mais do que a algumas dezenas de metros de distância dos leitos dos Rios Juquery e Juquery-Mirim, com grande trecho ao longo do limite Norte do Parque Anhanguera e terras próximas tomadas por ocorrências de mata natural e ciliar, várzeas e terrenos de acentuada declividade. Por outro lado, os estudos da EMPLASA indicaram a inexistência de conflitos da ferrovia com o desenvolvimento urbano e econômico, com exceção do Pátio de Cajamar, onde a pedreira de calcário que abastecia a Fábrica de Cimento fora reativada para produzir brita para a construção civil.

Assim, a faixa envoltória de 200 metros contada a partir dos limites do bem tombado, prevista pela legislação, poderia ser regulamentada pelo CONDEPHAAT por meio da compilação de legislações aplicáveis, combinada com diretrizes específicas para preservação de edificações, do material rodante e de outros itens patrimoniais do acervo tombado. Em 1994, foi enviado o resultado final dos trabalhos ao CONDEPHAAT.

À parte disso, foram feitas gestões junto ao Ministério Público que abriu a Ação Civil Pública nº 42/95 no Fórum Distrital de Cajamar cujo objetivo era obrigar o proprietário a tomar medidas efetivas de preservação da Estrada de Ferro. O processo foi mandado para a Justiça Federal, circunstância que ensejou a nomeação minha e do colega Milton Thomaz, engenheiro, como peritos da Procuradoria da República de Campinas com a finalidade de elaborar Laudo Pericial a respeito da situação da ferrovia, incorporado aos autos.

Decisão da Justiça Federal em favor da proposição do Ministério Público, em 1998, criaria condições para que, em 2000, finalmente acontecessem negociações entre o proprietário da Estrada de Ferro, o movimento preservacionista e a Secretaria de Estado da Cultura cujo resultado mais imediato foi o decreto de regulamentação do tombamento da Perus-Pirapora

(Resolução Complementar SC nº 56 de 13 de dezembro de 2000). Na sequência, seria firmado acordo que permitiu que a ferrovia entrasse em processo de revitalização. Nessa altura, eu tinha me convertido de militante político para pesquisador e estava finalizando mestrado, iniciado em 1998. Pesquisas que me tomavam muitas horas à noite ou em finais de semana, pois tinha ingressado em 1995 no Tribunal de Contas do Estado como escriturário e tinha optado por não me afastar. O mesmo ocorreu depois no Doutorado, igualmente cursado sem bolsa.

Os estudos a respeito da Perus-Pirapora guardaram grande sintonia com o trabalho de mestrado: do mesmo modo que a ferrovia deixou de ser uma linha sinuosa riscada em papel branco para se inserir no complexo quadro formado por ocorrências de mata natural e de preservação permanente em suas proximidades, em meio a uma região viva e pulsante; aprendi o funcionamento da fábrica de cimento pela identificação das sucessivas etapas de produção e das seções da planta industrial onde cada etapa se realizava. A defesa para obtenção do título de Mestre em Economia (área de especialização: História Econômica) pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Campus de Araraquara, ocorreu no mesmo ano da assinatura do convênio que iniciou a revitalização da Perus-Pirapora (2001). Fechava-se um ciclo de estudos cujo natural prosseguimento foi o ingresso, em 2002, no doutorado em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da UNICAMP.

De imediato, fui contratado como técnico pesquisador pela entidade que assumiu a gestão da Perus-Pirapora nessa época (Instituto de Ferrovias e Preservação do Patrimônio Cultural). Os estudos – geralmente realizados em parceria com outros colegas técnicos, cabendo a mim o trabalho de elaboração e de redação definitiva - tiveram aprovação da entidade em assembleia, e foram formalmente encaminhados para Ministério Público, CONDEPHAAT, FIESP/CIESP, dentre outros, como posição do Instituto.

O trabalho do Instituto tornou-se de extraordinária importância para Perus e toda região porque, justamente nessa época (2001), o bairro e a vizinha cidade de Caieiras tiveram que se mobilizar contra o projeto de implantação de um novo aterro sanitário entre as duas localidades, cujas dimensões não faziam soar despropositada a afirmação de que ambos os núcleos urbanos acabariam “soterrados” pelo lixo.

Para enfrentar a ameaça, entidades populares ingressaram - dentro do prazo legal - com pedido para que o Conselho Estadual do Meio Ambiente realizasse audiências públicas para debater as consequências da instalação do aterro sanitário. Era evidente que seria preciso realizar um processo de mobilização de proporções extraordinárias. Mas, havia referências de luta muito próximas como o antigo Movimento contra o Pó de Cimento da década de 1970 e uma mobilização mais recente de 1995, vitoriosa, contra a instalação de usina de incineração de lixo dentro no Parque Anhanguera. Assim, desde o começo, existia a sensação de que a vitória era possível.

Diante da gravidade da situação, e em face da circunstância de que a área do novo aterro era lindeira à linha de trem da Perus-Pirapora e ao Parque Anhanguera, décadas de rivalidades políticas entre as lideranças foram superadas em questão de dias para se desencadear o maior processo de mobilização da história de Perus em torno da defesa do desenvolvimento sustentável estruturado em “Três Eixos” (expressão cunhada nessa época): revitalização da Fábrica de Cimento (onde seria criado um Centro Cultural) replanejamento do Parque Anhanguera enquanto área de preservação ambiental, revitalização para o turismo da Estrada de Ferro Perus-Pirapora. Tudo articulado de forma a gerar emprego e renda e a estimular um padrão adequado de progresso social e econômico.

Como todas essas questões já estavam bem amadurecidas no Instituto de Ferrovias, tornou-se natural que a entidade assumisse papel de liderança dessa onda de mobilizações, cujo maior momento foi a “greve” (foi esse o nome adotado) do bairro de Perus em 2001: um dia inteiro com multidões nas ruas e piquetes que bloquearam as entradas e saídas de Perus e, inclusive, chegaram a parar a circulação dos trens da CPTM até a chegada da polícia. Incapaz de fazer frente às mobilizações e obrigada a promover audiências públicas em Perus porque (como já dito) as entidades sociais não tinham perdido o prazo de entrar com reclamação no Conselho Estadual do Meio Ambiente, a empresa proponente finalmente desistiu de seu projeto.

Entretanto, passados os momentos de glória, tornou-se evidente que as concepções expressas nos meus trabalhos não refletiam o pensamento do Instituto a despeito das sucessivas solicitações para novos detalhamentos, sempre aprovadas formalmente em assembleia. Nada que impedisse uma série de acontecimentos desgastantes que finalmente conduziram a meu afastamento no começo de 2004.

Entendo que não havia nada de especialmente problemático nos estudos dos quais, no fim das contas, eu era visto e demandado como seu autor a despeito de contribuições de outros técnicos; portanto, responsável por sua defesa perante o conjunto de membros do Instituto. Pois, então, vejamos:

- (1) - "Um pedaço da História do Brasil sobre Trilhos" é o catálogo do acervo da Perus-Pirapora, última das ferrovias de bitola estreita (ou seja, com menos de 01 metro de distância entre trilhos) no Estado de São Paulo a encerrar atividades comerciais. Típicas ferrovias a serviço de uma indústria, fazenda ou mineração que necessitava transportar seus produtos para alguma estrada de ferro integrante da malha ferroviária principal, num período no qual o transporte por caminhões ainda não se constituía em alternativa. A circunstância de prosseguir funcionando enquanto as demais paravam permitiu constituir um acervo com 20 locomotivas a vapor, um a diesel e um auto de linha com motor Ford com pouca repetição de modelos, caso único no Brasil. São 14 locomotivas de fabricação norte-americana, 04 da Alemanha, um canadense, uma francesa e uma de fabricação nacional sobre chassi de antiga máquina alemã. Do ponto de vista da recuperação, são 10 máquinas que demandam trabalhos de recuperação relativamente leves, um grupo intermediário de 04 locomotivas de reforma mais onerosa e 06 outras recuperáveis, em princípio, apenas para exposição estática. Em complemento, 06 carros de passageiros, 190 gôndolas de minério e 08 outros veículos sem tração própria.

- (2) - "Ecomuseu Perus-Pirapora" é um projeto de musealização da tecnologia representada pelo acervo tombado. Distingue etapas com suas respectivas metas. Estima frequência de público. Discute a nova configuração que a ferrovia deveria ter para operar para o turismo sob os atuais padrões de segurança exigidos. Apresenta um orçamento preliminar para recuperação em etapas (“módulos”) e contratação dos recursos humanos demandados por um projeto que formaria mão de qualificada a dar prosseguimento ao trabalho desde a própria instalação do projeto, estimado em cerca de três milhões e meio de reais (valores de janeiro de 2001). Os demais estudos mencionados na nota 12 são detalhamentos e atualizações do Ecomuseu Perus-Pirapora.

Ao longo das discussões, ficou evidenciado que a tecnologia a musealizar não era a praticada na Perus-Pirapora, cujas marcas eram a improvisação e a adoção de soluções as mais grosseiras para que as máquinas saíssem o mais rápido possível das oficinas. Isso se nota com facilidade em cortes a maçarico visivelmente toscos e em remendos que desfiguraram

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

45

diversas locomotivas sem nenhum ganho evidente de eficiência. Assim, o que cabia nesse caso concreto era retornar os equipamentos à configuração original de maneira a compor um mostruário de variedade difícil de igualar em outras partes do mundo. Uma maneira muito promissora de cumprir essa tarefa foi vislumbrada em contatos com dirigentes do SENAI com histórico de atuação no movimento preservacionista ferroviário: o Museu Escola que se constituiria na criação de cursos técnicos voltados ao atendimento das demandas de mão de obra especializada na região de Perus/Cajamar/ Lapa/Leopoldina; cursos nos quais as atividades práticas seriam realizadas em oficinas de restauro consagradas à Perus-Pirapora através da atuação remunerada e supervisionada dos alunos. Outro debate foi o do “partido” do restauro, ou seja, qual período que se privilegiaria na restauração do acervo. Alinhei-me aos que defendiam que o acervo deveria assumir as cores típicas do período 1951/1970 (gestão Abdalla), tempos nos quais o Complexo Cimenteiro de Perus/Cajamar mais se projetou nacionalmente, tanto em termos econômicos quanto de mobilizações sociais.

O Projeto Perseverança, localizado na Zona Leste de São Paulo e de inspiração espírita, era apresentado por mim como modelo de trabalho a se organizar na Perus-Pirapora. Referia-me ao estupendo trabalho social do “Perseverança”, sustentado por contribuições dos cidadãos que vêm às celebrações religiosas e por atividades de captação de recursos à base de trabalho voluntário. O diferencial é que os voluntários são submetidos a treinamento por profissionais contratados, devidamente habilitados. Isso capacita os voluntários – depois de formados e nas horas que puderem dispor – a trabalhar em padrão profissional, por exemplo, no grande restaurante da entidade que uma pessoa desavisada certamente tomaria por empresa privada de sofisticado padrão de eficiência. O mesmo grau de profissionalização e de eficácia estende-se com muita naturalidade ao trabalho dos dirigentes do projeto. Trabalho profissional viabilizando e capacitando o trabalho voluntário: essa era a proposta minha e de outros companheiros próximos para a Perus-Pirapora para que o atendimento aos turistas pudesse atender todas as exigências cabíveis.

Todas essas discussões, porém, deveriam parecer distantes e sem sentido para diversos colegas do movimento pela preservação da ferrovia. Muitos simplesmente queriam subir numa locomotiva a vapor e operá-la, sem maiores considerações a fazer. Como se isso fosse possível...

E havia diversos dirigentes do Instituto que viam nas questões técnicas uma ameaça ao protagonismo a que estavam acostumados a manter em outros segmentos da vida social. Pessoas sem interesse em se profissionalizar por conta, justamente, dos papéis importantes que cumpriam em outros segmentos da sociedade. O grande problema é que caberia, basicamente, a estes mesmos dirigentes a tarefa de promover as gestões em prol da captação dos vultosos recursos que, dentre outras coisas, bancaria as profissionalizações dos colegas de perfil técnico que dominavam o aparato conceitual que lhes provocava embaraços. Ou deixar que esses mesmos técnicos tomassem a frente dos contatos em prol da viabilização daquelas propostas que, invariavelmente, acabavam aprovadas nas reuniões do grupo...

Repetia-se, dessa forma, o mesmo tipo de atrito que eu já presenciara em ocasiões anteriores, em outras tentativas de movimentos sociais passarem da fase reivindicatória para a organização de respostas às demandas que se pretendia atender, na trágica situação (é assim que vejo nos dias atuais) de que os melhores técnicos para cuidar de determinadas

demandas - muitas vezes tão específicas - são técnicos revelados pela luta popular. Havia, portanto, um debate realizado transversalmente nas discussões do Instituto de Ferrovias, animadas pela possibilidade de realizar, na Perus-Pirapora, um trabalho que superasse os erros ocorridos em experimentos anteriores de revitalização de material ferroviário.

O debate derivou para uma luta política num padrão muito ruim no qual eu insisti o quanto pude porque, para mim, era muito claro que a revitalização da Estrada de Ferro caminharia inevitavelmente para o fracasso caso abdicasse de um projeto museológico orientador e de um trabalho de captação (necessariamente profissional) dos recursos necessários. Afastei-me profundamente abatido no começo do ano de 2004, após mais uma discussão desnecessariamente desgastante, na qual minhas tentativas de direcionar o debate para termos razoáveis foram todas rechaçadas.

Infelizmente, eu estava certo. Não houve trabalho de pesquisa. A captação de recursos e várias parcerias permitiram interessantes restaurações de bom número de veículos ferroviários, sem que isso possa apagar o fato de que, por uma década inteira, a Perus-Pirapora foi uma repetição piorada dos mesmos erros primários cometidos em outros lugares do país. Somente nos últimos três anos é que uma nova gestão trouxe novo alento, com a operação da ferrovia restrita a uns dois/três quilômetros.

De minha parte, após muito tempo, fui chamado de volta e, realmente, tentei diversas vezes retomar trabalho. Nada que, até o momento, tenha me convencido de que está funcionando de modo a “encher” os olhos. Em especial, considero frustrante perceber que os meus trabalhos na ferrovia permanecem como a referência técnica fundamental. Não reclamo de falta ou excesso de reconhecimento, mas do fato de ver que pouco se avançou conceitualmente.

Retornando à linha narrativa principal, no período seguinte à minha saída da ferrovia (2004 até 2007), passei a coordenar o projeto "Rio pelos Trilhos", campanha de Educação Ambiental desenvolvida em Perus e Cajamar sob o patrocínio do FEHIDRO (Fundo Estadual de Recursos Hídricos). O objetivo fundamental era aprofundar, junto às escolas e às lideranças locais, a ideia dos “Três Eixos”. Ou seja, estava afastado, mas procurava ajudar de alguma forma o trabalho na Perus-Pirapora.

Como o patrimônio histórico cultural da região (Estrada de Ferro Perus-Pirapora, Fábrica de Cimento, Parque Anhanguera) está implantado ao lado dos leitos dos Rios Juquery e Juquery-Mirim, tendo a ferrovia como o elemento articulador, os esforços em prol da despoluição desses cursos d’água não podem ser dissociados da revitalização dos acervos tombados às suas margens.

E como, naquele momento, as comunidades de Perus e de Cajamar estavam muito sensibilizadas pelos trabalhos de preservação da Fábrica de Cimento e da Ferrovia, a ideia era adotar a história regional como mote para retomar a campanha pela despoluição das águas; daí o nome do projeto: “O Rio pelos Trilhos”, genial ideia do companheiro Bonfilio Alves Ferreira, presidente do Instituto Paulista de Ecologia Humana (IPEH), entidade proponente desse trabalho.

O foco mais específico eram diversos grupos de professores que já vinham desenvolvendo discussões a respeito da História de Perus e de Cajamar em escolas públicas e particulares, de forma que o trabalho consistiu, em grande parte, em promover a integração e o intercâmbio dos educadores e lhes propiciar suporte historiográfico.

Projeto Arará

Site pessoal de Elcio Siqueira

www.historiadorelciosiqueira.com.br/

Deste modo, dentre outros materiais, foram produzidas quatro edições do jornal tabloide "História e Meio Ambiente", três das quais coordenei como jornalista responsável.

Outro trabalho importante foi "Introdução à História de Perus e Cajamar" (2004), redigido junto com a historiadora Elizete Henrique da Silva, educadora da região, que foi uma das bases para a publicação, em 2008, igualmente com financiamento pelo FEHIDRO, de obra coletiva com o mesmo nome, de cuja elaboração participei.

Encerrado "O Rio pelos Trilhos", encerrou-se minha atuação acadêmica e política em Perus. Não foi algo de meu agrado ou de minha concordância; mas se impôs contra a minha vontade. 2007 a 2009 foram anos dedicados ao fechamento do doutorado.

2009 em diante vem sendo uma fase em que ora me dedico a escrever roteiros de cinema e de história em quadrinhos, ora a ler História Militar; no fundo, sem romper realmente com Perus, porque foi lá na minha querida Biblioteca que – por volta de doze anos – iniciei uma sequência interminável de livros sobre a Segunda Guerra Mundial, Aviação Militar (deste conflito), História Naval, Frente Russa (1941 a 1945). Desse modo, moro em outro lugar, não mais em Perus. Minhas pesquisas igualmente migraram como ciganas para outras localidades.

Mas, não completamente: sou mais como o bom "filho pródigo" que retorna à terra querida em toda oportunidade que surgir.guardo o chamado de minha comunidade de origem, tal como as sereias que, no mito, se aventuram em terra em forma humana até que o Oceano de repente as convoca de volta, de forma irresistível, para o mar....

Último mesmo: este texto foi escrito ao longo de três anos. Larguei, retomei, inseri questões que não se encaixam nos propósitos originais, reaproveitei tudo em prol de novas metas. Portanto, provavelmente, por mais que eu tenha revisado, devem ter ficado coisas que não batem muito bem com afirmações e dados inseridos em outros pontos da exposição. Peço, assim, que todos me apontem incongruências, imprecisões ou outros aspectos que demandem correções e esclarecimentos.